



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Leonardo Ortolane Menezes

**O gênero literário como uma ponte para o conhecimento: utilizando
uma história ficcional para transmitir conteúdos acadêmicos**

Rio de Janeiro

2019

Leonardo Ortolane Menezes

O gênero literário como uma ponte para o conhecimento: utilizando uma história ficcional para transmitir conteúdos acadêmicos



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Joseh Lima

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

M543 Menezes, Leonardo Ortolane.
O gênero literário como uma ponte para o conhecimento: utilizando um história ficcional para transmitir conteúdos acadêmicos / Leonardo Ortolane Menezes. – 2019.
100 f.: il.

Orientador: Ricardo Joseh Lima.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 2. Sociolinguística – Teses. 3. Linguagem e educação - Teses. 4. Divulgação científica – Teses. 5. Contos – Teses. I. Lima, Ricardo Joseh. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 800.86

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Leonardo Ortolane Menezes

**O gênero literário como uma ponte para o conhecimento: utilizando uma história
ficcional para transmitir conteúdos acadêmicos**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 19 de fevereiro de 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ricardo Joseh Lima (Orientador)
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Phellipe Marcel da Silva Esteves
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Gilson Costa Freire
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

Ao único digno de receber a honra e a glória, a força e o poder, ao rei eterno imortal, invisível, mas real, a Ele, meu amado Jesus, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me sustentar, fortalecer e inspirar em todos os momentos da minha vida, seja nos bons, seja nos ruins, estando sempre comigo. Assim como tudo que já conquistei em minha vida, essa vitória não seria possível sem a presença dEle. Porque dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas.

A minha amada esposa Mariana, minha amiga e companheira que passou e sofreu comigo todas as dificuldades vividas durante esse período. Sem seu apoio, compreensão e incentivo, não chegaria a este momento. Sei que posso ir ainda mais longe, porque tenho paz, alegria e aconchego em meu lar. Seu amor e cuidado fazem de mim uma pessoa melhor e mais forte, muito obrigado por tudo. Eu te amo.

A meus pais, que, mesmo sem condições financeiras, sempre se esforçaram ao máximo para me criar e educar, tornando-me um cidadão de bem. Com vocês aprendi que o estudo pode mudar a vida de qualquer um, e assim tem sido na minha vida. Da mesma forma que vocês se orgulham das minhas conquistas, sou muito grato por todos os ensinamentos dados por vocês.

A meus familiares, por se orgulharem e acreditarem em mim, por entenderem meus afastamentos, e dirigirem palavras de força e incentivo. Vocês fazem a diferença em minha vida, a família é fundamental na vida de uma pessoa.

A meus amigos, que com sua companhia agradável e solidária tornaram meus dias mais alegres, fazendo com que fossem leves e suportáveis, e entendendo alguns momentos de ausência devido à dedicação ao mestrado.

Em especial, a minha vó, que, num momento importante da minha vida, me recebeu e me apoiou. Sua companhia sempre foi importante para mim, sou muito grato por tudo. Ela sempre diz que sou seu neto predileto, que os outros não escutem, deste modo, não poderia deixar de mencioná-la aqui.

Ao meu orientador Ricardo Joseh Lima, que, desde o início do mestrado, foi um apoio fundamental, demonstrando um alto grau de profissionalismo, comprometimento, humanidade e amizade, sempre me ajudando e me entendendo nos momentos de dificuldade. Cheguei à UERJ sem ter noção alguma do que esperar nesse período, e graças a você, que me acolheu e ensinou muitas coisas, minha jornada aqui foi muito mais salutar e agradável.

Aos professores que tive durante o curso de Mestrado, que me enriqueceram com seus ensinamentos e seus exemplos profissionais.

À UERJ, por ter me recebido e ampliado meus horizontes, mostrando-me um mundo novo, e por contribuir de maneira excepcional no meu crescimento profissional.

À secretaria de Pós-Graduação da UERJ, por seu profissionalismo e presteza nos momentos que necessitei de apoio.

Enfim, a todos que de alguma forma foram participantes desse momento tão especial em minha vida.

O que não nos preocupa profundamente
não interessará profundamente
a nossos leitores

C. S. Lewis

RESUMO

MENEZES, Leonardo Ortolane. *O gênero literário como uma ponte para o conhecimento: utilizando uma história ficcional para transmitir conteúdos acadêmicos*. 2019.100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Esta dissertação é o resultado do processo de criação de uma narrativa ficcional para transmissão de conteúdos acadêmicos, cujo objetivo é facilitar o acesso ao conhecimento científico ao público não especializado, muitas das vezes afastado pelo alto rigor técnico e formal das produções da Academia. Para embasar essa forma de trabalho, buscaram-se fundamentos nos princípios estabelecidos pela própria Sociolinguística, entre os quais, por exemplo, o linguista é visto como um agente de mudança social (CHARITY, 2008), no princípio da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, que prevê uma universidade relevante e participante na sociedade em que está inserida (VALÊNCIO, 1999), na atividade de extensão nos cursos de pós-graduação, citando como exemplo o PROFLETRAS e o LABJOR, bem como trabalhos acadêmicos que possuem certo grau de semelhança com os objetivos desta dissertação, é o caso da tese de Costa (2007) e das dissertações de Antunes (2015), Cavalcante (2016) e Profeta (2017). Os conteúdos acadêmicos abordados são os conceitos de normas (padrão, culta, gramatical e popular) segundo os estudos de Faraco (2008), preconceito linguístico conforme Bagno (1999), entre outros assuntos da Sociolinguística. Tais conteúdos serão tratados na narrativa ficcional de maneira velada e muito sutil, a partir de nomes, características e atitudes dos personagens, não se pretende explorá-los de maneira explícita, mas sim através do subentendido, de modo que o público especializado seja capaz de percebê-los, e que o público não especializado, com poucos esclarecimentos, seja capaz de alcançar o entendimento dos temas abordados. O gênero narrativo conto foi escolhido como suporte para a história ficcional, dadas as suas características peculiares que são coerentes à proposta deste trabalho, como brevidade extensiva, grande raio de abrangência de histórias e possibilidade de extrapolar a realidade, por exemplo. Para estruturar o enredo da história, foi utilizado o padrão descrito por Vogler (2015) denominado *a jornada do herói*, o qual é seguido por muitas das histórias já cristalizadas no senso comum, deste modo, espera-se uma narrativa de fácil entendimento e atrativa ao leitor que possa servir como um suporte alternativo ao processo de ensino de língua materna.

Palavras-chave: Conto. Divulgação científica. Sociolinguística. Normas. Preconceito linguístico. Popularização do conhecimento.

ABSTRACT

MENEZES, Leonardo Ortolane. *The literary genre as a bridge to knowledge: using a fictional story to convey academic content*. 2019. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

This dissertation is the result of the process of creating a fictional narrative for the transmission of academic contents, whose objective is to facilitate the access to scientific knowledge to the non-specialized public, often away from the high technical and formal rigor of the University productions. In order to ground this form of work, we sought to base the principles established by Sociolinguistics itself, among which, for example, the linguist is seen as an agent of social change (CHARITY, 2008), in the principle of inseparability between Teaching, Research and Extension, which provides for a relevant university and participant in the society where it is inserted (VALÊNCIO, 1999), in the extension activity in postgraduate courses, citing as an example PROFLETRAS and LABJOR, as well as academic works that have a certain degree of similarity with the objectives of this dissertation, is the case of Costa's thesis (2007) and the dissertations of Antunes (2015), Cavalcante (2016) and Profeta (2017). The academic contents are the concepts of norms (standard, "cultured", grammatical and popular) according to the studies of Faraco (2008), linguistic prejudice according to Bagno (1999), among other topics of Sociolinguistics. Such content will be treated in fiction narrative in a veiled and very subtle way, from the names, features and attitudes of the characters, not intended to exploit them explicitly, but rather through the sub-understanding, so that the specialized audience is able to perceive them and that the non-specialized public, with little clarification, is able to reach an understanding of the topics addressed. The narrative genre short story was chosen as a support for fictional history, given its peculiar characteristics that are coherent to the proposal of this work, such as extensive brevity, wide range of stories and possibility of extrapolating reality, for example. In order to structure the plot of the story, the pattern described by Vogler (2015) called the hero's journey is used, which is followed by many of the stories already crystallized in common sense, thus expecting a narrative that is easy to understand and attractive to the reader who serves as an alternative support in the process of teaching mother language.

Keywords: Short story. Scientific communication. Sociolinguistics. Norms. Linguistic prejudice. Popularization of knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	<i>Imagem Jornada do Herói.....</i>	52
Figura 2 -	<i>Imagem mapa de Iberia.....</i>	61
Tabela 1 -	Correspondência entre os conteúdos acadêmicos e ficcionais	58

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	JUSTIFICATIVA	16
1.1	O princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: um dever constitucional	17
1.2	A extensão e a sua importância	19
1.3	Preocupação com o ensino formal e a divulgação científica	21
1.3.1	<u>O PROFLETRAS</u>	22
1.3.2	<u>O LABJOR</u>	23
1.4	Os princípios sociolinguísticos	24
1.5	O gênero literário para divulgação científica	26
2	REVISÃO DE LITERATURA	28
2.1	A Sociolinguística	28
2.1.1	<u>Identificando alguns conceitos</u>	29
2.1.2	<u>Variando e mudando</u>	30
2.1.3	<u>As principais contribuições da Sociolinguística</u>	31
2.2	O preconceito linguístico: Bagno (1999)	32
2.3	Identificando as normas linguísticas: Faraco (2008)	35
2.3.1	<u>A norma culta</u>	36
2.3.2	<u>A norma-padrão: o contexto histórico, a abstração do conceito e o uso no Brasil</u>	38
2.3.3	<u>A norma grammatical</u>	40
2.3.4	<u>A norma popular</u>	41

2.4	Revisão de trabalhos acadêmicos	42
2.4.1	<u>O site de Antunes (2015)</u>	43
2.4.2	<u>Profeta (2017): características dos gêneros narrativos que são pertinentes à divulgação científica</u>	44
2.4.3	<u>Cavalcante (2016): a qualidades do conto para a formação de leitores</u>	45
2.4.4	<u>Rakushisha, a cabana dos caquis caídos</u>	47
3	O ACADÊMICO NO NÃO ACADÊMICO	49
3.1	O gênero narrativo conto	49
3.2	Estruturação da história ficcional	52
3.3	Por dentro da narrativa e da metanarrativa: o enredo de <i>Pela liberdade de Laci</i> e a correlação com os assuntos acadêmicos	54
3.4	Retextualizando um gênero academic	57
4	PELA LIBERDADE DE LACI: TEXTO FICCIONAL DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	60
4.1	Posfácio ao público especializado	86
4.2	Posfácio ao público não especializado	88
4.3	Questionário objetivo ao público não especializado	92
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
	REFERÊNCIAS	97

INTRODUÇÃO

A Sociolinguística, corrente da Linguística que ganha proeminência a partir dos anos de 1960 e tem como um de seus maiores representantes William Labov (CEZÁRIO; VOTRE, 2005), surge para quebrar um paradigma que vigorava há um bom tempo, o qual descartava a influência do meio social na língua. Diferentemente do estruturalismo de Saussure (1917) e do gerativismo de Chomsky (1980), que trabalhavam com falantes ideais, fora do ambiente cotidiano de uso da fala, cada um segundo sua linha de trabalho, a Sociolinguística passou a trabalhar com falantes reais em situações comuns da rotina das pessoas, levando em consideração os tipos de influência que o meio social poderia causar na língua, como variações e mudanças linguísticas.

Essa inclusão do meio social nas pesquisas linguísticas foi determinante para ratificar que o processo de variação e mudança é totalmente natural, inerente às línguas e passível de sistematização, embora essas constatações já houvessem sido feitas anteriormente por estruturalistas (BORTONI-RICARDO, 2005). A partir dessas considerações ficou evidente que uma língua natural se manifesta sob diversas variedades, sendo essas variedades produto do meio onde estão inseridas e, de acordo com a natureza descritiva das ciências linguísticas, não possuem nenhum tipo de valor ou grau hierárquico umas em relação umas às outras. Cezário e Votre (2005) descrevem o papel do sociolinguista da seguinte maneira:

*O sociolinguista se interessa por **todas** as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística [...] (2005, p. 14, grifo nosso).*

O meio social e as pessoas comuns em suas rotinas diárias, deste modo, constituíram-se elementos primordiais na pesquisa sociolinguística, e esta ciência, por sua vez, deveria empregar os resultados e descobertas em prol da sociedade, conforme aponta Charity (2008) ao propor que os linguistas devem ser agentes de mudança social, ilustrando com o exemplo de William Labov que prestou um serviço à comunidade de Ann Arbor, Michigan – EUA, no caso dos estudantes afro-americanos.

Para que a sociedade não seja apenas um local de coleta de informações e dados, é necessário que aquilo que é descoberto, a partir de sua colaboração, retorne a ela, seja com os resultados, seja com alguma contribuição para seu desenvolvimento, em agradecimento

pelosuposte prestado. Essa percepção de contribuir para o desenvolvimento da sociedade faz parte da essência da Sociolinguística, deste modo é necessário que pesquisadores da área tenham isso em mente.

Um exemplo concreto é o PROFLETRAS, que pode ser considerado como uma das contribuições da Sociolinguística ao ensino formal no que se refere à variação linguística, já que este alia pesquisa e prática pedagógica em prol do desenvolvimento da educação nacional. A pesquisa sociolinguística faz parte de diversos trabalhos de conclusão do programa de Pós-graduação em questão como Frasson (2016), Santos (2017) e Vida (2015), por exemplo, que tratam, entre outros assuntos, sobre adequação linguística, crenças e comportamentos linguísticos e abordagem sociolinguística de ensino de língua portuguesa. Tais assuntos promovem um ensino mais democrático, inclusivo e próximo da realidade dos alunos, como também geram uma maior consciência das variedades linguísticas e da necessidade de combater o preconceito linguístico.

Comunicar com a sociedade aquilo que é pesquisado, descoberto e discutido a partir das pesquisas científicas é importante. Pensando nisso, alguns autores brasileiros já empreenderam esforços de divulgação científica para que suas pesquisas pudessem ser acessadas por pessoas comuns, e não apenas por grupos especializados. Um exemplo é Bagno (1997) que escreveu, sob o formato de uma narrativa, acerca de diversos assuntos que fazem parte de sua área pesquisa, trata-se da obra *A língua de Eulália*, definida pelo próprio autor como “novela sociolinguística”. Scherre (2005) também seguindo o viés da comunicação com a sociedade tenta divulgar e esclarecer ao máximo o preconceito linguístico que, segundo a autora, é tão incentivado e impulsionado pela mídia, além de relatar os ataques que linguistas sofrem ao defender todas as variedades linguísticas, inclusive as populares. E assim, tantos outros pesquisadores brasileiros tentam contribuir de alguma forma com a sociedade, através de divulgações de suas pesquisas, ou de projetos, ou mesmo de métodos que possam auxiliar no processo de ensino.

As universidades também têm esse papel de se comunicar com a sociedade, principalmente por essa atribuição constar na lei máxima que rege a nação brasileira (BRASIL, 1988). Consoante isso, diversas instituições de ensino superior buscam dar uma atenção especial à atividade de extensão, e não apenas ao ensino e pesquisa. A extensão, canal que liga universidade e sociedade, que leva à sociedade aquilo que é produzido na Academia, é uma atividade muito relevante, presente em diversas atividades durante a graduação, mas que também deve fazer parte dos cursos de pós-graduação oferecidos pelas

universidades.

Fruto disso, alguns trabalhos de conclusão de curso de pós-graduação possuem em sua essência esse fazer extensão, ou seja, comunicar-se com a sociedade, levar aquilo que foi produzido em sua pesquisa para um público além do especializado. Na UERJ há os trabalhos de Costa (2007) e Antunes (2015), enquanto esta em sua dissertação elaborou um site de divulgação em massa de assuntos relacionados a preconceito linguístico e temas sociolinguísticos, aquela transformou toda a pesquisa de sua tese em um romance baseado na literatura japonesa chamando *Rakushisha: a cabana dos caquis caídos*, que tempos depois foi publicado no formato de um livro, ou seja, denotando uma preocupação em divulgar sua pesquisa para além do público restrito da comunidade acadêmica.

Levando em conta os princípios sociolinguísticos, a sociedade e a importância de se comunicar com esta, este trabalho de conclusão tem como objetivo a elaboração de um conto ficcional, cuja proposta é divulgar de forma mais simples e atraente ao leitor não especializado assuntos tratados e discutidos dentro da Academia, neste caso os conceitos de normas (padrão, culta, gramatical e popular), preconceito linguístico, variação linguística, entre outros.

Embora possa causar certa estranheza a elaboração de um conto ficcional, esta dissertação seguirá todos os modelos e padrões acadêmicos já estabelecidos para esse tipo de trabalho. Não se pretende ser subversivo ou ofensivo ao rigor formal dos trabalhos acadêmicos, mas sim ampliar o alcance desta dissertação a um público não especializado também, pois se espera também contribuir de alguma forma para a propagação do conhecimento científico e para o desenvolvimento do ensino de língua materna, que não vai muito bem em nossas escolas.

Para isso, no primeiro capítulo, é empreendido todo um trabalho de justificativa para este modo de produção da dissertação, considerando o artigo 207 da constituição brasileira, a preocupação com o ensino formal brasileiro, a extensão nas universidades, os programas de pós-graduação LABJOR e PROFLETRAS, autores das diversas áreas que já se utilizaram dessa técnica de usar histórias ficcionais para transmitir conhecimentos, entre outros pilares que sustentaram essa iniciativa.

No segundo capítulo, ocorre uma revisão de diversos autores pertinentes a este trabalho como Faraco (2008) que trata sobre os conceitos de normas, Bagno (1999) que versa sobre o preconceito linguístico, além dos princípios sociolinguísticos tão essenciais a

esta pesquisa, verificados em autores como Weinreich, Labov e Herzog (1975), Cezário e Votre (2004), Bortoni-Ricardo (2014), Charity (2008) entre outros. Além disso, haverá uma revisão dos trabalhos acadêmicos que possuem certa semelhança com os objetivos deste trabalho.

No terceiro capítulo, será descrita a parte não acadêmica desta dissertação, a partir de uma análise do gênero narrativo escolhido para dar suporte à história, o conto, destacando suas características e potencialidades para uso no ensino. Além disso, será mostrado como se dará a estruturação da narrativa e o enredo da história, e como os elementos ficcionais se correlacionarão com os conteúdos acadêmicos.

Por fim, no quarto capítulo, será apresentada a narrativa ficcional propriamente dita, com uso exclusivo do gênero conto e toda liberdade criativa que este possui. Logo em seguida, haverá um posfácio destinado ao público especializado e outro ao não especializado, cada um com informações pertinentes a cada grupo. Por fim, um questionário destinado, unicamente, ao público não especializado com o objetivo de colher informações sobre esse experimento científico.

1 JUSTIFICATIVA

Esta dissertação tem por objetivo a elaboração de um conto com o fito de propiciar divulgação científica para além dos limites da Universidade, o qual possa favorecer um ensino de conhecimentos acadêmicos de forma mais acessível e simples. As discussões teóricas apresentadas e os conteúdos divulgados fazem parte do escopo de estudo da Sociolinguística. Para justificar a estruturação deste trabalho, serão apresentados os fundamentos constitucionais, sociais e teóricos que o norteiam.

A Constituição Federal de 1988 é uma das principais bases desta dissertação, através do seu artigo 207, que estabelece como dever das universidades a utilização do princípio da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão (EPE), princípio que, se aplicado em sua totalidade, pode contribuir de modo satisfatório na educação brasileira.

Deste modo, se a carta magna que rege o Estado brasileiro determina a aplicabilidade desse princípio, comprometido com tal determinação, este trabalho tenta se apropriar das três atividades acadêmicas visando à integração entre as pesquisas sociolinguísticas, o ensino direcionado por estas pesquisas e a conexão com a sociedade não acadêmica. O ensino é abordado através da criação de um gênero literário que objetiva um método mais didático de transmitir temas acadêmicos; a pesquisa é feita com base nas demandas já levantadas pela Sociolinguística; e a extensão é contemplada através da divulgação deste conto para além dos limites universitários, como escolas e também a *internet* (*sites* e mídias sociais).

Outra questão é a preocupação com a educação brasileira que sofre com o descaso dos governantes, uma vez que o ensino público disponibilizado à grande maioria dos estudantes é de péssima qualidade, fruto de poucos investimentos na área e também de poucos incentivos aos profissionais competentes. Essa realidade reflete em avaliações internacionais, como um *ranking* divulgado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em 2015, noticiado pelo *site* do G1¹, no qual o Brasil ocupa a 60ª posição de 76 países avaliados no quesito educacional. Muitos profissionais da área (professores, pesquisadores, escritores, educadores, entre outros) buscam formas de mudar

¹Esta informação pode ser verificada no link <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/05/brasil-ocupa-60-posicao-em-ranking-de-educacao-em-lista-com-76-paises.html>> acessado em 13/09/2018.

essa realidade educacional brasileira através de muito esforço e também através de métodos alternativos que possam atrair mais o interesse dos discentes.

Desta forma, este trabalho se compromete com o viés social, disponibilizando um gênero narrativo (conto) que contém temas sociolinguísticos (definição de normas, combate contra o preconceito linguístico, além de outros), objetivando um melhor entendimento destes assuntos por parte não só da comunidade acadêmica, mas também por alunos da rede pública e pela população comum fora dos limites universitários.

A escolha do gênero narrativo como parte integrante deste trabalho vem da observação de que a liberdade e a fluidez deste gênero permitem o uso de uma linguagem mais simples, acessível e, possivelmente, mais interessante ao leitor. Os conceitos de normas segundo Faraco (2008), preconceito linguístico segundo Bagno (1997) e Faraco (2008) e alguns outros tópicos da Sociolinguística serão abordados neste gênero literário (conto).

Nas próximas subseções será apresentada de forma pormenorizada cada uma das justificativas supracitadas: o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como dever constitucional; o comprometimento social através de novas formas de ensino; e os postulados teóricos da Sociolinguística, além de ser justificado o porquê do uso de um gênero literário.

1.1 O princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: um dever constitucional

Conforme já apontado, um dos pilares para justificar a elaboração deste trabalho é a retomada do artigo 207 da Constituição Federal de 1988, o qual declara o seguinte:

Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988).

O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (doravante EPE) é fruto de inúmeros debates e contribuições de pessoas e entidades comprometidas com o desenvolvimento da educação nacional em um período no qual o Brasil passava por uma transição histórico-política. Com objetivo de tornar as universidades autônomas e socialmente

relevantes, este artigo foi cunhado e, observando atentamente o texto, percebe-se que tal princípio não é uma opção às universidades, mas sim uma determinação. Ou seja, para o cumprimento deste dever constitucional todas as universidades deveriam atentar para estas três atividades acadêmicas: o ensino, a pesquisa e a extensão.

Maciel e Mazzilli (2010) fazem o seguinte comentário sobre este artigo constitucional:

De acordo com a bibliografia e documentos consultados, a ANDES, juntamente com outras entidades sociais que integravam o Fórum da Educação na Constituinte (1987), formulou a idéia da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como possibilidade de uma universidade pública, gratuita, autônoma, democrática e socialmente relevante (2010, p. 3).

De tal modo, teríamos uma universidade que não apenas está **na** sociedade, mas sim está **com** a sociedade, totalmente envolvida e comprometida com o meio social em seu entorno, propiciando ferramentas para o progresso e desenvolvimento não só da educação, mas também das diversas áreas da sociedade como um todo, participando e intervindo nos acontecimentos fora do ambiente acadêmico. Esse é o ideário do princípio da indissociação entre EPE.

Entretanto, de acordo com as autoras citadas, nas leis e nos regulamentos educacionais que se seguiram após a promulgação da constituinte nacional, houve uma omissão deste princípio, um exemplo é a Lei de Diretrizes e Bases da educação de 1996 que não o reafirmou (MACIEL; MAZZILLI, 2010, p.07). Esta omissão, aliada a leis e decretos que criaram Instituições de Ensino Superior (IES) e permitiram, em alguns casos, que estas não observassem tal princípio, culminou em um grande número de IES que das três atividades acadêmicas segue geralmente duas, sendo as atividades de ensino e pesquisa as mais favorecidas.

Fruto disso, tem-se, nos dias atuais, uma intervenção aquém do esperado das universidades e IES no meio social. Os produtos de pesquisas, conhecimentos produzidos, bem como diversas outras descobertas do meio acadêmico ficam muito restritos ao ambiente da Academia, mesmo que grande parte do que é produzido pelos centros acadêmicos seja disponibilizado em *sites*, entretantode pouco acesso. Tanto Valencio (1999) como Maciel e Mazzilli (2010) apontam para o não cumprimento integral do princípio da indissociabilidade entre EPE como razão para a pouca relevância social da universidade.

Valencio (1999) ainda aponta a primazia da pesquisa e do ensino em detrimento da extensão, destacando que, mesmo nas renomadas universidades, há uma segregação das três atividades, o que vai de encontro ao proposto pelo artigo 207 da Constituição Federal. Para a autora, a pesquisa seria a atividade mais prestigiada, seguida do ensino, atividade também muito importante, e por último a extensão, em alguns casos esquecida. Tal informação é convalidada na pesquisa de Antunes (2015) que constatou que, dentre as três atividades declaradas pelos professores da UERJ para complementação da carga horária de trabalho, a extensão é a menos relatada, chegando a não ser declarada por alguns docentes, e os que a declararam atribuíram-lhe poucas horas (2015, p.23).

Valêncio (1999) chega a ser muito incisiva ao apontar que:

A Extensão seria, para estes, uma “outra coisa”, uma tarefa a ser desenvolvida pelos pares a quem falta a dita competência. Estes se moveriam para “fora dos muros” alimentados ou por uma excessiva sensibilidade social - que, não raro, põe-se a desmerecer o saber científico [...] (1999, p. 74-75).

O que se pretende mostrar nesta dissertação é que o princípio da indissociabilidade entre EPE precisa ser seguido em sua totalidade e que este fundamenta a forma de elaboração deste trabalho de conclusão. Portanto o cumprimento integral e ideal do princípio em questão se daria da seguinte forma: a extensão captaria as demandas reais da sociedade, a pesquisa giraria em torno dessas demandas levantadas e forneceria, por sua vez, subsídios ao ensino que seria totalmente direcionado pelas descobertas da pesquisa (VALÊNCIO, 1999).

1.2 A extensão e a sua importância

Entender a funcionalidade e relevância da extensão é de suma importância para a justificativa deste trabalho, tendo em vista o objetivo de alcançar pessoas além da Academia. A extensão é a conexão entre o ensino superior e a sociedade, esta, segundo Valêncio (1999), é que deveria dar sentido à pesquisa e ao ensino quando diz “[...] uma Extensão como atividade indutora tanto da renovação do Ensino quanto da busca de pertinência social da Pesquisa [...]” (1999, p. 79).

Encontra-se no *site* da UFES uma definição para a extensão:

A *Extensão Universitária* é a ação da Universidade junto à comunidade que possibilita o compartilhamento, com o público externo, do conhecimento adquirido por meio do ensino e da pesquisa desenvolvidos na instituição. É a articulação do conhecimento científico advindo do ensino e da pesquisa com as necessidades da comunidade onde a universidade se insere, interagindo e transformando a realidade social (UFES - PROEX, 2013, grifos do autor).

Mesmo sendo, provavelmente, a atividade universitária menos prestigiada, conforme pôde ser percebido nos textos de Valêncio (1999) e Antunes (2015), a extensão tem uma grande relevância, não apenas social como acadêmica também. Ela une teoria e prática, de forma que eleva o interesse dos alunos e traz a sociedade para junto da universidade.

Nunes e Silva (2011), em artigo sobre extensão, fazem um excerto muito pertinente:

A extensão universitária é uma forma de interação que deve existir entre a universidade e a comunidade na qual ela está inserida, uma espécie de ponte permanente entre a universidade e os diversos setores da sociedade. Funciona como uma via de duas mãos em que a universidade leva conhecimentos e/ou assistência à comunidade e recebe dela influxos positivos em forma de retroalimentação, tais como suas reais necessidades, anseios e aspirações. Além disso, a universidade aprende com o saber dessas comunidades (2011, p. 120).

Percebe-se, segundo as autoras, que na interação entre universidade e sociedade, não apenas esta é favorecida, mas aquela também, ou seja, tanto sociedade quanto universidade são beneficiadas nesse processo. Ainda segundo as autoras, a extensão deve alcançar, sobretudo, os excluídos da sociedade, as classes menos favorecidas, aqueles não tiveram acesso a uma educação de qualidade. Através dessa integração todos se beneficiariam, não apenas a sociedade, mas também a universidade (NUNES; SILVA, 2011). Enfim, não se pode pensar em uma universidade relevante socialmente, sem que a extensão faça parte do seu escopo de atuação.

Embora se espere mais dos centros universitários espalhados pelo país no que concerne à participação ativa na sociedade, muitos destes executam projetos de extensão consistentes e relevantes nas mais diversas áreas: educação, educação especial, ensino de idiomas, saúde, tecnologia etc. Como exemplo, pode-se citar a UERJ, que possui mais de trinta programas de extensão ativos em 2018², dentre eles pode-se citar: o PLCD (Programa Linguagem, Ciência e Divulgação) que desenvolve projetos a partir dos postulados teóricos da Sociolinguística como variação linguística, preconceito linguístico, entre outros com o

²Esta informação pode ser verificada no link: <http://www.sr3.uerj.br/depext/programas_atoexecutivo.php> acessado em 26 Set 18.

objetivo de fazer essas informações circularem pela sociedade comum e integrá-la ao ambiente acadêmico; o LICOM (Programa Línguas para a Comunidade) que oferece ensino de idiomas (tanto língua materna como estrangeira) em nível básico para a comunidade com o objetivo desenvolver as quatro competências: compreensão oral, fala, escrita e leitura; entre tantos outros projetos pertinentes e relevantes socialmente.

Além dos programas citados, a UERJ disponibiliza programas de extensão nas diversas áreas do conhecimento: Programa de Empreendedorismo do IME/UERJ; PROALFA - Programa de Alfabetização, Documentação e Informação; PROCENIUM - Programa em Artes Cênicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; PEPPS - Programa de Extensão Educação Poética e Pensamento do Sentido; PRESTAP - Programa de Estatística Aplicada; LCV - Laboratório de Artes, Performances e Audiovisual: Cinema, Vídeo; PRACORSAU - Programa Práticas Corporais de Saúde; LERUERJ - Programa de Leitura da UERJ; PEAGERC - Programa de Estudos Avançados em Geografia da Religião e Cultura; além de outros, totalizando trinta e dois programas de extensão ativos no ano de 2018. Deste modo, ciente de seu papel na sociedade, a UERJ executa com presteza as atividades de extensão.

A universidade deve moldar seu fazer acadêmico de forma que contribua para o desenvolvimento do ensino brasileiro, bem como deve ampliar, ainda mais, a divulgação dos conhecimentos e descobertas produzidos. Entendendo estas demandas, políticas educacionais que visam ao aprimoramento do ensino público e à divulgação científica estão sendo desenvolvidas, é o caso do PROFLETRAS e do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do LABJOR - Unicamp, respectivamente, que serão tratados em subseções posteriores.

1.3 Preocupação com o ensino formal e a divulgação científica

O sistema educacional brasileiro não vai bem, apenas uma parcela ínfima da sociedade tem acesso a um ensino de qualidade. Trata-se da parte da população privilegiada socioeconomicamente e dos poucos discentes das classes desfavorecidas que conseguem vagas em instituições de ensino público com alto grau de rendimento, como os colégios federais. A parte mais representativa dos estudantes brasileiros está diante de escolas com péssimas condições estruturais e sem recursos financeiros, tecnológicos e muito menos

científicos. Além disso, os alunos deparam-se também com docentes desvalorizados, que recebem alta carga trabalho e pouco incentivo financeiro, fatores estes que colaboram para a manutenção do estado ruim do ensino público brasileiro.

Mesmo diante dessa realidade, muitos profissionais da área educacional buscam formas de mudar esse quadro, seja através de estudos, pesquisas e políticas educacionais, seja através de formas alternativas de desenvolver a educação no Brasil. No que se refere ao ensino de língua portuguesa especificamente, podem-se citar muitos nomes que buscam formas de contribuir para a evolução do sistema educacional: Bagno (1997, 1999) é um dos principais nomes referentes ao combate contra o preconceito linguístico, um dos grandes vilões do ensino da língua materna. O autor propõe a quebra de vários paradigmas relativos ao ensino do Português, como as afirmações de que ninguém sabe português e de que este é muito difícil (BAGNO, 1999), voltando seus trabalhos de pesquisa e divulgação científica também para os desfavorecidos social e economicamente.

Além do autor citado podem-se acrescentar os nomes de Faraco (2008), Bortoni-Ricardo (2014) entre outros, os quais também destinaram suas pesquisas e trabalhos à legitimação das diversas variedades da língua portuguesa, bem como ao combate contra o preconceito linguístico. E como políticas educacionais relevantes, há o PROFLETRAS e o Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural do LABJOR - Unicamp, os quais serão descritos de maneira mais aprofundada nas subseções posteriores.

1.3.1 O PROFLETRAS

Entre as políticas educacionais que objetivam o aprimoramento da educação, tem-se a criação do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS a partir da RESOLUÇÃO Nº 043/2012-CONSEPE, de 15 de maio de 2012. Programa que tem por objetivo o seguinte:

Art. 1º O Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS) visa à capacitação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no País (CONSEPE, 2012).

No primeiro artigo da resolução que rege esse programa fica evidenciado o comprometimento com a melhoria da educação nacional, e este caráter de intervenção na educação brasileira reflete diretamente na dissertação, que é o produto final do mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS). De acordo com as diretrizes para a pesquisa do trabalho final no mestrado profissional em Letras - PROFLETRAS (2014):

A pesquisa deverá ser de natureza interpretativa e interventiva e ter como tema/foco/objeto de investigação um problema da realidade escolar e/ou da sala de aula do mestrando no que concerne ao ensino e aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental (s/n, 2014).

Este caráter interventivo reflete na consecução de dissertações que passam a adotar em sua estrutura propostas para o desenvolvimento do ensino brasileiro, e por consequência o desenvolvimento social. Em rápida pesquisa realizada nos bancos de dissertações das universidades que são polos do PROFLETRAS, foi levantado um número considerável de trabalhos com propostas de intervenção no ensino muito produtivas e relevantes, como os trabalhos de Santos (2015), Duarte (2016), Souza (2016), Cavalcante (2016), entre outros.

Conforme já apontado na introdução, o PROFLETRAS também pode ser sinalizado como uma das contribuições da Sociolinguística à sociedade, uma vez que há muitos trabalhos que contemplam estudos sobre variação linguística, de forma que tais conteúdos são levados às escolas com o intuito de desenvolver um ensino de língua portuguesa mais inclusivo e de aprimorar a competência linguística dos discentes. Podem-se citar as dissertações de Frasson (2016), Santos (2017) e Vida (2015) como exemplos de propostas pedagógicas ancoradas em fundamentos sociolinguísticos.

1.3.2 O LABJOR

Outro exemplo de política educacional relevante é o Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos avançados em Jornalismo (Labjor) pertencente à Unicamp. Este programa visa à divulgação científica das diversas áreas do conhecimento, permitindo ao egresso uma formação interdisciplinar. O resultado dessa premissa, assim como no PROFLETRAS, é a elaboração de diversos trabalhos relevantes, em que a divulgação é fator central. No *site* do programa são encontrados os objetivos e habilidades que devem ser desenvolvidos nos egressos durante a realização do curso. Entre as habilidades estão:

- Estudar e discutir a questão da Divulgação das Ciências, das Tecnologias e Culturas.
- Democratizar o conhecimento científico, tecnológico e cultural;
- Discutir criticamente a política científica e cultural do país;
- Contribuir para a divulgação da produção científica, tecnológica e cultural das áreas periféricas;
- Reduzir a distância entre os criadores do conhecimento e a opinião pública;
- Estabelecer a relação da produção científica, tecnológica e cultural com a vida cotidiana e as suas relações com a sociedade de um modo geral;
- Possibilitar a compreensão dos fenômenos da ciência e da cultura;
- Conciliar o rigor científico e crítico com a linguagem jornalística;
- Conscientizar os cientistas e críticos de cultura para a divulgação de sua produção;
- Contribuir para uma reflexão crítica sobre o conhecimento científico-cultural produzido no país³

Essas habilidades desenvolvidas nos alunos do programa são de valor vital para o progresso e desenvolvimento das diversas áreas da sociedade, devido ao seu grande espectro de atuação. Entre as habilidades citadas, a democratização do conhecimento científico, tecnológico e cultural e a contribuição na sua divulgação são as que mais se identificam com os objetivos desta dissertação, que almeja a divulgação dos conceitos de normas e também do combate ao preconceito linguístico, já que tais conceitos, muitas das vezes, não suficientemente esclarecidos fora do ambiente acadêmico. Alguns trabalhos desse programa serão descritos de forma mais detalhada nos capítulos subsequentes.

Pode ser percebido que há entre as diversas instâncias a preocupação com o progresso da educação e da sociedade como um todo, seja através de mudanças em relação ao ensino, seja através da democratização do conhecimento científico. O ponto em comum entre essas ideias está na preocupação com parcela da sociedade que está fora da Academia, ou seja, a grande parte da população que carece de ensino de qualidade e não tem acesso ao conhecimento científico produzido nas universidades. Aliados ao dever constitucional e à preocupação com o ensino, os pressupostos oriundos da Sociolinguística também fundamentam este trabalho, conforme será descrito na próxima seção.

1.4 Os princípios sociolinguísticos

A Sociolinguística a partir de suas teorias também justifica este trabalho. Apesar de seu surgimento recente (segunda metade do século vinte), desenvolveu-se rapidamente nos grandes centros acadêmicos mundiais, assim como no Brasil. Suas pesquisas mostram-se

³Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/?page_id=233> acessado em 14/09/2018.

relevantes e produtivas, hoje já é possível analisar com instrumentos técnicos os processos que envolvem a variação e mudança linguística. Diferentemente do que se pensava, esses processos não se realizam ao acaso, mas são determinados por diversos fatores, quer sejam intralinguísticos, quer sejam extralinguísticos (Cezário; Votre, 2009). E apesar de esta disciplina apontar diversos caminhos que validam toda e qualquer manifestação linguística, desde que cumpram seu papel comunicativo, pouco avanço foi realizado nesta esfera de afirmação de todas as variedades linguísticas. Embora diversos autores renomados, como Bortoni-Ricardo (2008), Faraco (2008), Bagno (1997, 1999) entre outros, através de suas pesquisas, comprovem que as diversas variedades linguísticas, ainda que pertencentes aos grupos minoritários ou desprestigiados, são dotadas de complexidade e organização, o que se vê é uma cultura do erro, seguida de preconceito com as manifestações tidas como “erradas” (FARACO, 2009). Entretanto, baseado no conceito de relativismo cultural, que é um dos pilares da Sociolinguística, tem-se o seguinte:

O relativismo cultural é uma postura adotada nas ciências sociais, inclusive na Linguística, segundo a qual uma manifestação de cultura prestigiada na sociedade não é intrinsecamente superior a outras. (Bortoni-Ricardo, 2008 apud Bortoni-Ricardo, 2014).

Em sua gênese nos Estados Unidos, a Sociolinguística investigou por que “[...] crianças oriundas de grupos linguísticos minoritários apresentavam desempenho escolar muito inferior ao das crianças provenientes de classe média e classe alta.” (Bortoni-Ricardo, 2014, p.12), evidenciando, desde então, seu caráter social, e ao longo dos anos foi ampliando sua área de atuação. Desta forma, os princípios teóricos da Sociolinguística incentivam trabalhos que combatam o preconceito linguístico através da legitimação das demais variedades, sejam elas populares, rurais, etc.

Essas manifestações linguísticas não são erradas ou indevidas, mas sim alternativas, ou seja, outras formas de manifestar concretamente a língua portuguesa. Entender que variação e mudança são características inerentes a todas as línguas naturais e que, segundo princípio do relativismo cultural, não existem variedades linguísticas superiores ou inferiores é importante no processo de ensino de língua materna. Justamente pelos fatores apresentados que foram escolhidos os temas de norma (padrão, culta, gramatical e popular) e preconceito linguístico para serem tratados no conto que faz parte desta dissertação.

1.5 O gênero literário para divulgação científica

A escolha do gênero literário para divulgação dos conhecimentos sociolinguísticos não é puramente pessoal, mas também pautada por exemplos de uso dessa ferramenta por autores das diversas áreas, e também por este estilo de escrita já configurar em trabalhos de conclusão de cursos de Pós-graduação, inclusive das grandes universidades como a UERJ.

O produto deste trabalho não será a dissertação com um fim em si mesma apenas, mas uma forma diferente de realizar divulgação científica, utilizando-se de um gênero literário (um conto) para isso. Alguns autores já utilizaram esta estratégia com fins didáticos ou de divulgação nas mais diversas áreas do conhecimento. Marcos Bagno com sua obra *A língua de Eulália* (BAGNO, 1997) é um exemplo clássico de ensino de Sociolinguística através de um gênero literário, já Jostein Gaarder através do romance *O mundo de Sofia* traz conhecimentos a respeito da filosofia (GAARDER, 1991).

C.S Lewis em suas *Crônicas de Nárnia* é capaz de ensinar conhecimentos bíblicos através de metáforas e comparações muito inteligentes e penetrantes (LEWIS, 2011), tem-se também a obra *Vendo Vozes* (SACKS, 1989) na qual o autor narra suas atividades de pesquisa sobre o tema da surdez. Um último exemplo é o livro *Uma breve história do tempo* (HAWKING, 1988) que divulga diversos assuntos relacionados à pesquisa sobre cosmologia ao público não especializado. O resultado disso é que teorias, antes restritas a determinados ambientes específicos, foram transmitidas e muito bem assimiladas por pessoas comuns, mesmo sem conhecimentos específicos da área tratada. Com essa perspectiva, este trabalho se propõe a divulgar de forma alternativa conceitos ainda pouco entendidos pela sociedade não acadêmica, através de uma linguagem acessível.

No ambiente acadêmico há, por exemplo, a tese de Costa (2007), texto quase na íntegra sob o formato de um romance, que foi aprovada na própria UERJ. Outro exemplo é a dissertação de Profeta (2017) da Unicamp que, apesar de escrever seu trabalho no formato acadêmico padrão, discorre sobre a utilidade do gênero narrativo na divulgação científica e em um capítulo e em alguns excertos se utiliza da tipologia textual narrativa. Estes trabalhos e alguns outros serão descritos com mais detalhes em capítulo subsequente. O que se pretende com os exemplos supracitados é mostrar que não é uma novidade a utilização do gênero literário tanto com fins didáticos ou de divulgação científica, como nos trabalhos de conclusão

de curso de Pós-graduação. Há, portanto, diversos fatores que abrem margem para a consecução deste trabalho, conforme apresentado neste capítulo de justificativa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, serão revisitados as obras e os autores que fornecem subsídios para esta dissertação a partir de suas análises e pesquisas. Serão apresentados os textos que tratam desde as contribuições da Sociolinguística, passando pelos conceitos de variação e mudança, preconceito linguístico, as definições de normas (padrão, culta, gramatical e popular). Além disso, serão descritos os trabalhos acadêmicos que são pertinentes a esta dissertação, a partir de pontos de congruências com o que está sendo proposto nesta pesquisa.

Esta revisão será iniciada com textos que tratam de algumas definições pertinentes à Sociolinguística, em seguida serão apresentadas as principais contribuições desta corrente linguística. Logo após, o tema preconceito linguístico será tratado conforme Bagno (1999) e, por fim, serão apresentadas as definições para as normas linguísticas segundo Faraco (2008).

2.1 A Sociolinguística

A Sociolinguística é uma vertente da Linguística que se presta a estudar a língua levando em conta tanto fatores internos (linguísticos) como externos (sociais, históricos e culturais). Ela analisa a língua em seu uso real, verificando os efeitos que o contexto social, cultural e histórico provoca na estrutura linguística. Tal corrente surge em resposta às tendências linguísticas que não levavam em conta a heterogeneidade da língua, através de suas múltiplas manifestações reais e não consideravam também o impacto do meio social sobre o uso linguístico (CEZÁRIO; VOTRE, 2008).

Calvet (2002) faz a seguinte assertiva sobre a forma de trabalho da Sociolinguística:

Ora, as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes. O estruturalismo na linguística foi construído, portanto, sobre a recusa em levar em consideração o que existe de social na língua, e se as teorias e as descrições derivadas desses princípios são uma contribuição importante ao estudo geral das línguas, a sociolinguística, à qual se consagra este livro, teve de tomar o sentido inverso das posições (2002, p. 12).

Essa vertente linguística ganha força na década de 1960, a partir dos estudos do linguista William Labov. Também é conhecida como Sociolinguística Variacionista (CEZÁRIO; VOTRE, 2011), e, desde sua gênese, revelou seu caráter social. Suas pesquisas e estudos procuram descrever e explicar fenômenos linguísticos ocorridos nos diversos grupos sociais, inclusive nos minoritários. Seu princípio norteador é o de que todas as línguas são passíveis de variação e mudança, ou seja, tais características são intrínsecas às línguas e devem, portanto, ser analisadas nos estudos linguísticos. Identificar os fatores, contexto de uso e momento histórico que causaram tais variações e mudanças também faz parte da Sociolinguística.

O sociolinguista se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável (CEZÁRIO; VOTRE, 2008. p. 141).

Estas características levam a Sociolinguística a se interessar por todas as normas (variedades) linguísticas e suas mais diversas manifestações, não apenas as normas prestigiadas, cultas, mas também as populares, rurais, agregando-lhes organização e sistematicidade.

2.1.1 Identificando alguns conceitos

Cabe ressaltar, de maneira inicial, que *normas* ou *variedades* remetem ao uso concreto da língua por determinada comunidade de fala, ou seja, a forma como os integrantes de uma determinada comunidade linguística se apropriam da língua na comunicação cotidiana e acrescentam características próprias (FARACO, 2008). Neste sentido, *norma* vai remeter àquilo que é “normal”, “comum”, dentro de uma determinada comunidade linguística. Entretanto, também é comum atribuir à palavra *norma* o conceito de normativo ou prescritivo, ou seja, algo imposto. Essa acepção de norma como algo normativo, vai surgir a partir do movimento padronizador das línguas que ocorreu nos estados centrais europeus a partir do século quinze, quando instrumentos normativos (gramáticas e dicionários), para cultivo e manutenção de um padrão linguístico, passaram a circular pela sociedade dos estados então constituídos, tendo em vista a grande diversidade dialetal existente nestes territórios, fato que afetava a unidade e integridade da língua.

Contudo, para os estudos linguísticos prevalecerá o conceito de “normal”, “comum”, “recorrente” em determinados usos linguísticos ao termo *norma*. Faraco (2008) trata de forma muito concisa sobre essa polissemia em questão:

Em decorrência disso é que a palavra *norma* tem, no uso contemporâneo, dois sentidos. No primeiro, *norma* se correlaciona com normalidade (é *norma* o que é normal). No segundo, *norma* se correlaciona com normatividade (é *norma* o que é normativo).

Nos estudos, *norma* designa primordialmente aquele conjunto de fenômenos linguísticos que são correntes, habituais (“normais”) numa determinada comunidade de fala (2008, p. 74).

2.1.2 Variando e mudando

Para se definir os conceitos de variação e mudança é necessário inicialmente estabelecer a definição de *variante*. Quando existem duas formas linguísticas para marcar um mesmo fenômeno, por exemplo, as formas <nós> e <a gente> para marcar a primeira pessoa pronominal do plural, cada forma representa uma *variante* da primeira pessoa do plural. Conforme apontado por Omena (2003), que, em suas pesquisas e análises, investiga se o processo que envolve essas duas variantes é uma *variação estável* ou *mudança em progresso*, o que vai definir o uso de uma ou outra variante serão os fatores determinantes: lugar, contexto de uso, classe social, nível acadêmico, idade, gênero, entre outros.

Quando duas variantes ocorrem paralelamente, cada uma em seu contexto específico de uso, tem-se o caso de *variação estável*. Existem três tipos de variação bem estabelecidos pelos autores: a variação regional, a variação social e a variação de registro. Estas variações ocorrem em todos os níveis da língua, o fonético, morfológico, sintático, lexical e etc. No nível lexical tem-se, por exemplo, os termos *aipim* (sudeste) e *macaxeira* (nordeste) como nomes do mesmo legume, um caso típico de variação regional. Assim, em todos os níveis haverá casos de variação estável marcados por fatores motivadores. Todavia, quando uma variante passa a se sobrepor à outra, reduzindo o seu uso nos diversos contextos até não haver mais marcas da variante sotoposta, tem-se o processo de *mudança em progresso*, no nível sintático tem-se o exemplo do verbo “suceder” que até um determinado período era transitivo direto, surgiu, então, a forma transitiva indireta “suceder a”. Durante um certo momento as

duas formas coexistiam, até que a forma transitiva indireta foi se sobrepondo à forma inicial, até firmar-se em todos os contextos de uso (FARACO, 2008).

O sociolinguista para consecução de seus estudos e pesquisas se utiliza de todo um aparato teórico e metodológico. O emprego da pesquisa quantitativa para levantamento dos fenômenos e fatores envolvidos é uma das principais técnicas utilizadas, assim busca-se um *corpus* consistente e abrangente para se levantar a quantidade de ocorrências dos fenômenos em estudo. Feito o levantamento, serão analisados os fatores que favorecem o uso e após a depuração de todos os dados, é emitido parecer de qual processo se trata (variação ou mudança).

2.1.3 Principais contribuições da Sociolinguística

Uma das principais contribuições da Sociolinguística é a equiparação feita entre todas as normas linguísticas, não importando o prestígio social atribuído às normas utilizadas pelas classes favorecidas, ou seja, não importa se são normas cultas, populares, ou rurais, todas são igualmente válidas e organizadas gramaticalmente.

[...] os dialetos das classes desfavorecidas não são inferiores, insuficientes ou corrompidos. Afirmam que esses dialetos são estruturados com base em regras gramaticais, muitas das quais diferentes das regras do dialeto padrão. Dessa forma, a sociolinguística cria nos (futuros) professores uma visão menos preconceituosa e incentiva-os a valorizar todos os dialetos [...] (CEZÁRIO; VOTRE, 2008. p. 152).

Outra contribuição importante é a verificação de que algumas formas utilizadas nas normas populares estão presentes na norma culta de diversos grupos das classes que dominam a cultura do letramento, ressaltando a aproximação gramatical existente entre as normas. Martins, Vieira e Tavares (2014) elencam três grandes contribuições da Sociolinguística, são elas:

(i) definição apurada de conceitos básicos para o tratamento adequado dos fenômenos variáveis; (ii) reconhecimento da pluralidade de normas brasileiras, complexo tecido de variedades em convivência; e (iii) estabelecimento de diversas semelhanças entre o que se convencionou chamar “norma culta” e “norma popular”, não obstante os estereótipos linguísticos (cf Labov, 1972a) facilmente identificados pela maioria dos falantes (2014, p.10).

Conforme se pretende demonstrar nesta dissertação, diversos conceitos referentes às normas são confundidos. Consoante essa ambiguidade, estão as definições de termos como *registro*, *modalidade*, *variedade*, *variantes*, *variável*. Com seus estudos e pesquisas a Sociolinguística especifica cada um dos termos citados, sendo esta também uma de suas contribuições.

Já na prática pedagógica alguns trabalhos do PROFLETRAS são relevantes no reconhecimento da pluralidade de normas. A dissertação de Santos (2017) é um exemplo de ensino de língua materna que contempla a variação linguística, pois parte do princípio de que a língua é heterogênea, formada a partir de um conjunto não fechado de variedades linguísticas, e reconhece a organização e a complexidade de cada uma dessas normas sem nenhum tipo de atribuição de valor. Frasson (2016) em sua pesquisa analisa as crenças e as atitudes linguísticas de alunos da rede pública, e as influências que elas resultam no ensino da norma culta, entendendo que essa norma é fundamental para o desenvolvimento escolar e profissional do aluno, mas sem depreciar e negligenciar as demais normas linguísticas. Vida (2015) discorre em seu trabalho sobre a adequação linguística e sua importância nas diversas situações comunicativas, destacando o papel do professor na ampliação e desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, para que estes saibam utilizar a norma adequada em cada situação de comunicação sem estabelecer um grau de precedência ou prestígio entre as normas.

A partir dos estudos sociolinguísticos foram levantadas algumas propostas de atualização da norma-padrão, todas baseadas em pesquisas e estudos fundamentados no uso real da língua, ou seja, a partir da ocorrência nas diversas normas, não apenas as normas cultas, como também as populares. Desta forma, pode-se citar, por exemplo, a exclusão do <vós> do quadro pronominal pessoal reto, e a inclusão do <você> e <a gente> (MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2014). Por fim, fornecer aos docentes subsídios e ferramentas para o tratamento da variação linguística na sala de aula também pode ser incluído entre as grandes contribuições sociolinguísticas.

2.2 O preconceito linguístico: Bagno (1999)

Todas as manifestações intolerantes, racistas, preconceituosas que ocorrem na sociedade são facilmente detectadas e possivelmente combatidas, todavia quando o preconceito em questão é o linguístico essa percepção torna-se menos efetiva. Esse preconceito ocorre de maneira mais velada, muitas vezes sob o rótulo de proteção da língua, desqualificando aqueles que falam ou escrevem o português de forma “errada”. Mas como afirma Bagno (1999), “a língua portuguesa vai muito bem” (1999, p.22). Não é necessário nenhum movimento em prol da língua, principalmente quando tal movimento afeta de forma cruel e insensível grande parte da população brasileira. Conforme apontado por Faraco (2008):

Muitas pessoas sofrem constrangimentos públicos e até discriminação, são humilhadas, são recriminadas ou perdem pontos em exames e têm sua classificação prejudicada em concursos públicos pelo fato de não usarem uma forma que alguns - sem qualquer fundamento filológico e linguístico - consideram errada (2008, p. 91)

O preconceito linguístico é decorrente do excesso de prestígio atribuído à norma estabelecida como padrão, esse prestígio advém do surgimento do conceito (norma-padrão), uma vez que, em diversos casos, foi eleita como padrão a língua utilizada pela alta sociedade (realeza, grandes escritores clássicos, pensadores), ou seja, os mais cultos, de modo que falar a língua da realeza era símbolo de prestígio social. Nos dias atuais não é diferente, as normas utilizadas pela alta sociedade, que é dotada de recursos e cultura, continuam sendo detentoras de prestígio social, além de serem consideradas como “certas”, conseqüentemente, as normas que se distanciam do modelo padronizado são desqualificadas, inferiorizadas, tratadas como irregulares e “erradas”.

Tanto Faraco (2008) quanto Bagno (1999) criticam a noção de “erro” adotada por aqueles que se proclamam cultivadores do português “correto”. Segundo os autores, tem-se a noção absoluta de erro por parte dos defensores da norma-padrão, ou seja, tudo que não se enquadra neste recorte específico da língua é desconsiderado. Conforme já abordado, uma língua é assumida através de várias normas (usos), e cada uma dessas normas tem sua organização específica de funcionamento, o que implicará formas diferentes em normas diferentes. Portanto, segundo os autores citados, não se pode considerar como erro uma forma válida, de uso recorrente e eficaz em uma determinada norma, por exemplo a ausência de concordância de número em “os menino”. No sentido absoluto, em relação à norma-padrão, esta forma é considerada como errada, entretanto nas normas populares, é uma forma muito

comum que cumpre totalmente seu papel comunicativo, não podendo ser desqualificados aqueles que a utilizam.

Este preconceito por mais que ocorra de forma acentuada e acintosa, seu combate pouco é discutido fora do âmbito da Academia. Pior ainda é a sua propagação em diversos canais midiáticos de comunicação (SCHERRE, 2015). Bagno (1999) discorre sobre a circulação e falta de combate contra o preconceito linguístico:

Infelizmente, porém, essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito lingüístico. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos (1999, p.12).

A desigualdade social e a péssima qualidade do ensino público do Brasil são fatores fomentadores do preconceito linguístico, uma vez que aqueles que não pertencem às classes sociais mais favorecidas e não recebem uma educação de qualidade dificilmente terão acesso à cultura letrada que serve de parâmetro para o “correto” uso da língua. Além desses fatores, ocorre também a circulação de mitos, que incutem no inconsciente dos falantes brasileiros, a ideia de que não se sabe o português, que esta é uma língua difícil, que casos exemplares de uso correto do português ocorrem em Portugal, dentre outras (BAGNO, 1999), provocando que o indivíduo deprecie sua própria forma de uso língua, o que Bagno (1999) define como retroalimentação do preconceito linguístico.

As manifestações deste tipo de preconceito são de todo tipo, desde enunciados irônicos sobre modo peculiar de falar do nordestino ou de outras regiões, a exclamações mais contundentes como a de Napoleão Mendes de Almeida (1996) citada por Bagno(1999):

Os delinqüentes da língua portuguesa fazem do princípio histórico “quem faz a língua é o povo” verdadeiro moto para justificar o desprezo de seu estudo, de sua gramática, de seu vocabulário, esquecidos de que a falta de escola é que ocasiona a transformação, a deterioração, o apodrecimento de uma língua. Cozinheiras, babás, engraxates, trombadinhas, vagabundos, criminosos é que devem figurar, segundo esses derrotistas, como verdadeiros mestres de nossa sintaxe e legítimos defensores do nosso vocabulário(ALMEIDA, 1996, p.589 apud BAGNO, 1999, p.78).

Esse discurso encorpado de preconceito linguístico e social faz parte da obra *Dicionário de Questões Vernáculas*(ALMEIDA, 1996). Além de Bagno (1999), Faraco (2008) também usa o autor em questão como exemplo de propagador do preconceito linguístico. Discursos como este estão espalhados pela nossa sociedade, causando inúmeros

danos aos falantes. A mídia também favorece esse tipo de preconceito dando espaço em programas televisivos e publicações impressas a discursos que condenam as manifestações linguísticas populares em defesa da forma “correta” de falar.

2.3 Identificando as normas linguísticas: Faraco (2008)

Nesta seção serão retomados os conceitos de norma-padrão, norma culta, norma gramatical, norma popular e norma curta abordados por Faraco na obra *Norma culta brasileira: desatando alguns nós* (2008). Tal trabalho se propõe a esclarecer um assunto tão complexo e diversificado, que ainda carece de muito estudo e discussões acadêmicas, pois ainda não são ponto comum alguns tópicos listados pelo autor como, por exemplo, a respeito da norma-padrão e sua necessidade de atualização. Para tal o autor se utiliza do contexto sócio-histórico além de todo um embasamento teórico, com apoio em outros autores da área. Antes de mencionar os conceitos citados, o autor se propõe a esclarecer o significado de “norma”, o que traz uma maior precisão e delimitação dos demais conteúdos.

Norma, segundo o autor, corresponde ao uso dos fatos da língua que cada comunidade linguística faz e seus modos de organização nos mais diversos níveis (fonético, morfossintático, discursivo, etc.), ou seja, são os fatos usuais, recorrentes, “normais” que cada comunidade de fala faz ao utilizar a língua. Desta forma, assim como as comunidades linguísticas prestigiadas da alta sociedade possuem suas normas, também as comunidades linguísticas mais afastadas e esquecidas como as rurais têm seus modos de organização e uso (norma). O autor resume o conceito de norma da seguinte forma:

[...] norma é o termo que usamos, nos estudos linguísticos, para designar os fatos de língua usuais, comuns, correntes numa determinada comunidade de fala. (FARACO, 2008. p.40).

Do exposto, pode-se relacionar norma àquilo que é normal, além de ser um fator de identificação, pois os grupos sociais nas suas diversas estratificações (posição social, idade, gênero, etc) distinguem-se também pelas normas linguísticas que utilizam. Assim como há inúmeros grupos sociais, há inúmeras normas, cada falante por pertencer a vários segmentos da sociedade também domina várias normas linguísticas. Estas normas não são estanques ou

ilhadas, mas estão em constante contato, além de exercerem/sofrerem influência uma nas/das outras, de fato, as normas das camadas dominantes da sociedade terão maior poder de influência. Outros autores, como Bagno (2001), vão utilizar o termo *variedades* para remeter a este conceito de uso e organização linguística, o próprio Faraco também se utiliza desse termo em questão, porém com menos frequência (2008, p.44).

Com o conceito de norma esclarecido, nas próximas subseções serão descritas as normas que possuem qualificadores específicos como padrão, culta, gramatical e popular. Estas, com exceção da norma gramatical, são as normas que possuem uma maior circulação na sociedade e também na mídia, embora seus conceitos, por diversas vezes, sejam imprecisos ou ambíguos.

2.3.1 A norma culta

A primeira norma linguística descrita por Faraco no capítulo um (Afinando Conceitos), além de ser a norma que dá nome ao livro, é a norma culta. A complexidade deste assunto é muito grande, o autor para embasar sua descrição de norma culta recorre a autores como Bortoni-Ricardo (2005) e Preti (1997), dada a grande diversidade das normas do português brasileiro.

Para estabelecer o conjunto de normas que recebem o qualificador *culta*, o autor recorre ao modelo estabelecido Bortoni-Ricardo (2005)

[...]que busca distribuir as variedades em três continua que se entrecruzam, são eles: o continuum rural-urbano, o de oralidade-letramento e o da monitoração linguística (apud FARACO, 2008, p. 44).

Ou seja, esses três parâmetros permitem que as normas linguísticas sejam distribuídas e mapeadas de acordo com suas características. Ao distribuir as normas nos três *continua* em questão, foi observado que as normas das sociedades urbanas dominantes, que possuem pelo menos o nível médio de escolaridade e escala de renda de média para alta, que estão basicamente nos polos urbano, de letramento e de monitoração linguística, são as normas com maior poder de influência sobre as demais, recebendo também maior prestígio social, pois os falantes que a utilizam possuem maior acesso à cultura escrita, daí provém o qualificador

culta. Esta norma é a que mais procura se aproximar do padrão linguístico estabelecido, o autor a define da seguinte forma:

[...] designa o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita. Esse vínculo com os usos monitorados e com as práticas da cultura escrita leva os falantes a lhe atribuir um valor social positivo [...] (FARACO, 2008, p. 71).

Outro aspecto citado pelo autor é a proximidade que a norma culta falada possui da *linguagem urbana comum* (PRETI, 1997, *apud* FARACO, 2008, p.46). Para tal conclusão, foram analisados dados do *corpus* do projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta), onde foram entrevistadas pessoas com nível superior completo numa situação menos monitorada. Assim numa primeira análise, foram considerados como falantes cultos, aqueles que possuísem nível superior completo numa situação monitorada de uso linguístico, entretanto tal delimitação correspondia a uma parcela ínfima da sociedade brasileira. Como a delimitação anterior era irrisória, e havia uma proximidade muito marcada, o que passou a configurar a norma culta falada foram as formas da *linguagem urbana comum*, removendo como parâmetro o ensino superior completo. Assim, aqueles que possuísem no mínimo o ensino médio e dominassem as normas mais monitoradas (prestigiadas) seriam considerados os falantes da norma culta.

Por fim, o autor analisa o qualificador em questão “culto”, atribuindo-lhe uma carga elitista e de superioridade, uma vez que este termo poderia sugerir que as demais normas fossem incultas. Como o termo foi sugerido pelos falantes que a utilizam, a elite da sociedade, ele pode transparecer uma maior valoração em relação às demais normas, porém como os estudos linguísticos apontam, não existem normas superiores ou inferiores, como nas próprias palavras de Faraco (2008):

Como vimos antes, do ponto de vista estritamente gramatical as variedades (normas) se equivalem, isto é, todas são igualmente organizadas, todas são igualmente complexas (2008, p. 72).

Entretanto o autor faz questão de mencionar que a dimensão do qualificador culta remete a uma cultura específica, a cultura escrita e tudo associado a ela. A cultura letrada está relacionada aos estudos de letramento, ou seja, muito mais que ler e escrever, mas sim ter a capacidade de produzir e analisar textos de certa complexidade.

Faraco chega a sugerir que termo “culto” seja deixado de lado, buscando um outro que tenha uma carga menos elitista, ou tendenciosa, como “comum” ou “*standard*”, por isso na

continuação do livro o autor utiliza a designação *norma culta/comum/standard*, pois para ele os termos sugeridos são menos sugestivos ou depreciativos em relação às demais normas.

2.3.2 A norma-padrão: o contexto histórico, a abstração do conceito e o uso no Brasil

O processo de padronização linguística é secular, tem seu início na Europa nos fins do século quinze. Neste período o continente europeu passava por um momento de transição político-econômica, deixando para trás as práticas feudais e adotando uma centralização política com maior abertura comercial. As práticas mercantis por seu dinamismo e maior abertura passaram a ser adotadas, permitindo um intercâmbio muito grande entre as culturas dos diversos países.

As línguas naturais seguem todos os processos por que passam as sociedades, assim durante o feudalismo, dadas as características deste momento histórico, a língua de cada território europeu era fragmentada, marcada por uma grande diversidade dialetal. Com o surgimento dos Estados centrais europeus, cada estado independente passou a centralizar e unificar sua política e economia. Esse movimento unificador e centralizador também passou a ocorrer na língua, em termos técnicos, tem-se o início do processo padronizador linguístico. Visto que havia uma grande diversidade dialetal em cada Estado europeu, o processo padronizador surge com o objetivo de que cada Estado tenha um mecanismo para conter essa diversidade e assegurar sua integridade e unidade linguísticas. Esse processo deu origem ao que se conhece hoje como norma-padrão.

Para conter a grande pluralidade linguística existente, cada nação soberana selecionou, dentre as normas disponíveis em sua língua, uma para ser eleita como um modelo ideal, um padrão. A norma escolhida como padrão foi, geralmente, aquela utilizada pela nobreza, grandes escritores clássicos, enfim, membros da alta sociedade.

Após a escolha da norma que seria o padrão, o Estado passou a criar mecanismos de cultivo e disseminação desta norma. A norma-padrão passa a ser um instrumento estatal para dar unidade e integridade linguística em seu território, pois, entre seus objetivos, está o de que todos falantes de sua comunidade linguística utilizem a mesma norma.

Por mais que a norma-padrão tenha sido extraída de uma das normas de uso de uma língua, ela vai perdendo essa característica concreta (de uso efetivo) e alcança um patamar de abstração (um modelo ideal), pois sua circulação deixa de ocorrer no uso corrente da língua, e esta se torna apenas uma baliza referencial, conforme apontado por Faraco (2008):

[...]a norma-padrão não é propriamente uma variedade da língua, mas - como bem destaca Bagno (2007a) - um construto sócio-histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização (2008, p. 73);

[...] a norma-padrão é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência [...](2008, p. 73).

Outro fator que contribuiu para a abstração da norma-padrão foi a sua distância em relação às demais normas. Enquanto as outras normas de uso (inclusive as cultas) seguem todos os processos sócio-históricos que modificam as sociedades, com isso sofrendo mudanças e variações também, o padrão tende a ser mais estático e inalterável, tornando-se, em alguns casos, como no Brasil, por exemplo, uma norma artificial e praticamente inacessível.

A norma culta, devido ao seu grau de monitoração e letramento, é a que mais se aproxima dos preceitos estabelecidos pela norma-padrão, entretanto, conforme o autor destaca, há uma grande lacuna entre estas normas. Por mais que haja um esforço padronizador, as línguas naturais sempre serão marcadas por inúmeras normas e dialetos, sem que isso cause qualquer tipo de prejuízo à unidade e integridade linguística. Segundo Faraco (2008) a língua é formada pelo conjunto de normas e usos que a compõem, não existe o caso de se colocar a língua num polo e suas normas (variedades) em outro, pois é essa riqueza de usos que dá a cada língua sua individualidade em relação às demais. O autor deixa esse pensamento bem claro no início do capítulo um:

No plano empírico, uma língua é constituída por um conjunto de variedades. Em outras palavras, não existe língua para além ou acima do conjunto das suas variedades constitutivas, nem existe a língua de um lado e as variedades de outro, como muitas vezes se acredita no senso comum: empiricamente a língua é o próprio conjunto das variedades (FARACO, 2008, p. 30).

O processo padronizador chega ao Brasil na segunda metade do século dezenove. A própria eleição da norma que foi estipulada como padrão marca o caráter artificial e anacrônico da norma-padrão do nosso Português brasileiro, uma vez que a norma eleita como baliza para todas as demais foi certa norma utilizada por autores lusitanos do romantismo. Ou

seja, a norma selecionada como padrão não foi a utilizada pela elite brasileira, tampouco a utilizada pela elite lusitana no período em questão, mas sim uma norma corrente no discurso literário de autores lusitanos do romantismo do século dezenove.

Desde a sua gênese, a nossa norma-padrão manteve-se distante das demais normas correntes, entre os objetivos que a configuravam, pode-se citar o combate às normas populares e suas características peculiares. O resultado disso foi o excesso de prestígio que passou a ser atribuído a esta norma e às normas cultas por sua relativa proximidade da norma-padrão, e também por seu uso ocorrer no seio da elite letrada, enquanto às normas populares, dada à sua distância ainda maior do padrão estabelecido, coube apenas o estigma.

O excesso de artificialismo e rigidez da norma-padrão deu origem ao que o autor vai definir como *norma curta*. Esta norma refere-se à defesa absoluta de regras arbitrárias sem qualquer tipo de fundamentação teórica na maioria dos casos. Faraco (2008) define esta norma da seguinte forma: “Trata-se de um conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos” (2008, p. 92).

A norma curta vai desautorizar muitos casos já consagrados na norma culta e nas normas gramaticais. Um exemplo é a regência do verbo “implicar”, que nas normas faladas cultas e normas gramaticais já é admitido na forma transitiva indireta, “implicar em” (LUFT, 2006, p. 433 *apud* FARACO, 2008, p. 91), já os adeptos da norma curta vão defender a forma transitiva direta como única válida, correta. Esta norma é totalmente fundamentada na cultura do erro e na desqualificação das demais normas.

Assim, nos dias de hoje, a norma-padrão continua distante das demais normas, principalmente por manter inalteráveis em sua codificação fatos gramaticais arcaicos, renegando os já correntes nas normas cultas, como a redução dos pronomes pessoais, próclise sem palavras atratoras ou no início de frases, entre outros. Ela é uma norma abstrata, isto é, não faz parte do uso corrente, e que serve de baliza para as demais normas, entretanto não permite quase nenhuma influência ou interferência em sua estrutura.

2.3.3 A norma gramatical

A excessiva artificialidade do padrão linguístico brasileiro gerou alguns movimentos que criticavam a escolha de um padrão lusitano descontextualizado, foi proposta uma espécie de “abrasileiramento” da nossa norma-padrão, fato contestado até os dias atuais. Como forma de protesto, autores de nossa literatura passaram a adotar em seus escritos muitas das nossas “brasileiridades” linguísticas, esse fato deu uma abertura para que a norma culta, que também admite essas “brasileiridades”, figurasse nos textos literários, e mais contemporaneamente, nos discursos jornalísticos.

Essa abertura para a norma culta levou que alguns gramáticos passassem a registrar suas nuances advindas do uso corrente a partir da segunda metade do século vinte. Essas gramáticas, dicionários e outros instrumentos gramaticais já não defendiam categoricamente a norma-padrão, e registravam em seu escopo algumas das flexibilizações que a norma culta permitia em seu uso. A esses instrumentos gramaticais que registravam tanto fatos da norma-padrão como as tendências da norma culta Faraco dá o nome de norma gramatical, cujo objetivo é aproximar as pessoas das regras de nosso sistema linguístico, principalmente no ensino formal (FARACO, 2008).

Na norma gramatical há, em alguns casos, a substituição de termos como “obrigatório”, “indispensável” por “recomendável”, “preferido”, entretanto ainda há a defesa de regras da norma-padrão que estão totalmente fora do nosso contexto de uso linguístico, inclusive das normas cultas. Para o autor a norma gramatical está em meio à norma-padrão e à norma culta, já que em alguns casos ela admite as oscilações das normas cultas, e em outros não, conforme no excerto destacado a seguir:

Nossas melhores gramáticas atuais estão, assim, num meio termo entre os “excessos caprichosos” da norma-padrão e as descrições sistemáticas da norma culta/comum/standard (FARACO, 2008, p. 81).

2.3.4 A norma popular

Nesta obra analisada em questão (FARACO, 2008), Faraco não destina um tópico específico para a norma popular, todavia a partir dos conceitos tratados é possível definir e conceituá-la, e também devido ao fato de o autor citá-la algumas vezes no decorrer de sua obra (FARACO, 2008, p. 45).

Em virtude do que já foi discutido e analisado, pode-se definir norma popular, ou normas populares, como as manifestações linguísticas de uso corrente nas camadas mais populares da sociedade. Ao se considerar os três *continua* estabelecidos por Bortoni-Ricardo (2005), esta norma estaria nos polos da oralidade, sem monitoração linguística, podendo configurar em qualquer ponto do eixo rural-urbano.

Tendo em vista que as camadas mais populares da sociedade brasileira não têm domínio da cultura escrita, ou seja, não conseguem produzir nem interpretar textos de maior complexidade, a norma linguística utilizada por esses segmentos mais populares não é bem vista pelos demais falantes cultos, pois sua estrutura está repleta de formas consideradas “erradas”. Entre os aspectos morfossintáticos e léxico-gramaticais que compõem as normas populares, pode-se citar: apagamento da desinência nominal de número, ausência de concordância verbal e nominal, vocabulário limitado, imprecisão vocabular, desconhecimento de regras ortográficas, entre outras. Por suas peculiaridades a lacuna entre a norma-padrão e as normas populares é ainda maior.

Por sua distância ser de maior grau em relação à norma-padrão, as normas populares são despojadas de prestígio e reconhecimento por parte dos mais radicais em relação aos estudos linguísticos, sendo ainda alvo de diversos paradigmas depreciativos, contudo esta norma é totalmente válida e dotada de organização e complexidade, não se pode desqualificá-la por mera questão social.

2.4 Revisão de trabalhos acadêmicos

Alguns trabalhos acadêmicos possuem pontos de congruência com o que se propõe nesta dissertação, seja o reconhecimento de que o gênero literário é uma forma de divulgação científica, seja seu caráter interventivo (preocupação em fazer extensão). Pensando nestas semelhanças, serão descritos alguns trabalhos, devidamente apresentados e aprovados por bancas de universidades renomadas, que servem para fundamentar a estrutura ora apresentada neste trabalho de conclusão de curso.

No que tange ao caráter interventivo, pode-se citar a dissertação de Antunes (2015) apresentada e aprovada na UERJ; já com relação às características de um gênero narrativo que são úteis à divulgação científica, tem-se a dissertação de Profeta (2017) da Unicamp\Labjor.

A dissertação de Cavalcante (2016) da UFPB/PROFLETRAS enaltece as características do gênero conto e sua capacidade de despertar o interesse de seu leitor, sendo uma ferramenta importante à formação de novos leitores, por fim será destacada a tese de Costa (2007) que rompe totalmente com os paradigmas do formato acadêmico e apresenta seu trabalho, quase na totalidade, num formato de um gênero literário.

2.4.1 O site de Antunes (2015)

O primeiro trabalho descrito é a dissertação de Antunes (2015), uma vez que esta dissertação não é um trabalho com um fim em si mesmo. Sua preocupação vai além dos limites universitários e chega à parte da população que pouco tem contato com o conhecimento produzido dentro da academia, para isso a autora vai produzir em sua dissertação um *site* denominado *Pelo fim do preconceito linguístico*⁴ e também coletar as impressões obtidas de grupos de pessoas que se propuseram a analisá-lo.

Fica evidente a preocupação de Antunes (2015) em fazer extensão no seu trabalho, para isso a autora utiliza a *internet* para ampla divulgação de um assunto pouco esclarecido e debatido fora da Academia, o preconceito linguístico. Além desse assunto, o *site* traz informações sobre Linguística, sobre o ensino de Português, indicações de livros pertinentes e etc. Outro ponto interessante do *site* é a apresentação de vídeos lúdicos sobre o tema e também a possibilidade de interação entre a administradora e o público externo, permitindo que todos tenham a possibilidade de opinar e/ou contribuir com materiais, informações, dados, entre outros. Desta forma, há uma pesquisa que não se restringe a somente um público especializado, mas estabelece uma conexão com a sociedade comum e a sua ponte é a *internet*.

Com relação à estrutura formal desse trabalho, houve uma preocupação da autora em se utilizar de todas as prescrições para elaboração de trabalhos acadêmicos de conclusão de curso. Assim há um cuidado em justificar seu modelo de trabalho através de discussões teóricas fundadas, com citações não só ao princípio da indissociabilidade entre Ensino,

⁴O site encontra-se disponível no link <<http://www.pelofimdopreconceitolinguistico.com/>> acessado em 20 out 18.

Pesquisa e Extensão, mas também a autores como Saussure (1977), Charity (2008) Wolfram (1998), Bagno (1997), Scherre (2005), entre outros. Depois a autora descreve cada item de seu *site* e, por fim, faz a avaliação do mesmo através de três grupos de pessoas distintos: profissionais da área, alunos da graduação em Letras e o público geral.

Considerando o resultado da avaliação dos três grupos, pode-se afirmar que o *sit*ecumpriu seus objetivos e alcançou os resultados esperados, já que em sua maioria as respostas foram positivas. Com isto, esta dissertação comprova que trabalhos com algum viés inovador podem ser apresentados e aprovados por bancas examinadoras, outro fator importante é o seu caráter interventivo e social, através da preocupação em levar ao alcance do público comum o resultado de sua pesquisa.

2.4.2 PROFETA (2017): as propriedades do gênero narrativo que são pertinentes à divulgação científica

Seguindo as descrições de trabalhos acadêmicos interessantes a esta dissertação, será destacada agora a dissertação de Profeta (2017) apresentada e aprovada na Unicamp / Labjor. Conforme já citado na seção 1.2.2 que trata sobre o Labjor, este programa de Pós-graduação tem como função elementar a divulgação científica, atividade totalmente ligada à essência do fazer extensão. O trabalho do autor, de maneira geral, é apresentar as propriedades do gênero narrativo que são importantes, além de serem facilitadores na divulgação em geral, para justificá-lo como meio de divulgação científica.

Os objetivos de Profeta (2017) se assemelham ao da presente dissertação, uma vez que o autor entende que a utilização de um gênero narrativo é de importância vital para a democratização do conhecimento, através de uma linguagem acessível que mesmo os não especializados no assunto possam tomar ciência do que está sendo tratado.

A socialização da ciência, dessa forma, depende de profissionais capazes de compreendê-la e transcrevê-la numa estrutura lógica que faça sentido àqueles que estão distanciados da esfera puramente acadêmica – em outras palavras, o grande público (PROFETA, 2017, p. 19).

Sua dissertação apresenta inicialmente a importância da narrativa na comunicação humana e na forma de organizar os pensamentos e o conhecimento em nossa mente desde os

primórdios da civilização, destacando os tipos narrativos existentes e suas características intrínsecas, prosseguindo então para discussões teóricas mais aprofundadas sobre os elementos que integram a narrativa, e como esses elementos conseguem atrair a atenção do leitor.

Para tal se utiliza, dentre outros, do modelo teórico de Motta (2005) denominado *análise pragmática da narrativa*, destacando seis elementos primordiais na consecução de uma narração: enredo, conflito, personagens, estratégias comunicativas, contratos cognitivos e metanarrativa, mostrando como tais elementos podem auxiliar na divulgação científica potencializando o interesse do leitor.

O autor empreende esta análise em um romance de ficção científica intitulado *2001: uma odisseia no espaço* (CLARKE, 2013) e em duas notícias veiculadas sob o formato de narrativa. Desta forma, destaca em cada um dos textos analisados os elementos primordiais da narração há pouco citados, mostrando que os conhecimentos transmitidos pelos textos em questão são mais interessantes ao leitor do que apenas uma descrição científica ou acadêmica.

Por fim, Profeta (2017) cria um texto-piloto de divulgação científica com a observação de alguns dos itens que integram a narração. O assunto de seu texto é uma dissertação de mestrado da Unicamp que versa o estudo sobre bactérias multirresistentes, escrita num alto grau de complexidade com muitos jargões e termos técnicos da área de Biomedicina. Na sua adaptação o autor procura simplificar o conteúdo através de uma linguagem mais acessível e democrática, uma vez que o público não especializado também precisa ter conhecimento do que está sendo tratado.

Há uma quebra de alguns paradigmas formais do texto acadêmico quando o autor emprega em certos trechos a tipologia textual narrativa e principalmente no item 4.4 intitulado “*A esperança está nos fagos, por Guilherme Profeta (2016), texto piloto de divulgação científica*” (PROFETA, 2017, p. 152) quando escreve um texto de sete páginas todo no formato narrativo, com emprego de primeira pessoa, marcas de interação com o leitor, sem citações ou esclarecimentos teóricos. Essa ruptura, em parte, com a tradição acadêmica destaca o caráter inovador de seu trabalho, que apesar dessas escolhas foi devidamente aprovado pela banca examinadora.

2.4.3 CAVALCANTE (2016): a qualidades do conto para a formação de leitores

A dissertação de Cavalcante (2016) segue o que o PROFLETRAS tem como ideia basilar: uma intervenção na realidade escolar de alunos do ensino fundamental, procurando aprimorá-la. O objetivo principal da autora é mostrar que o gênero narrativo conto pode ser uma ferramenta fundamental no processo de formação de novos leitores. Sabe-se que o número de leitores existentes no país é de aproximadamente 56%, segundo critérios do instituto de pesquisa IBOPE⁵, entretanto é provável que esse percentual diminua ainda mais se for considerado o número de pessoas que apreciam o ato de ler, ou seja, um panorama não muito satisfatório.

Pensando nesta realidade e procurando alternativas de mudar esse quadro, a autora enxerga na literatura uma forma de atrair a atenção dos alunos para a leitura. O gênero literário escolhido pela autora durante a sua pesquisa foi o conto, dadas as suas peculiaridades como brevidade, capacidade de tratar sobre os mais diversos assuntos da realidade ou fictícios, linguajar objetivo no qual todas as partes do texto são importantes para a resolução dos conflitos desenvolvidos no enredo da história, entre outras. Uma das principais características desse gênero, segundo a autora é:

[...] permitir ao leitor conhecer variadas formas de viver, agir e de compreender o mundo e as pessoas, comportamentos e culturas de outros tempos e lugares com o mínimo de meios e o máximo de efeitos. É condensada no sentido de oferecer os melhores momentos de uma narrativa em profundidade.(CAVALCANTE, 2016, p. 21-22)

Na estrutura de seu trabalho há um levantamento mais detalhado do que é um conto e suas características, embora esta tarefa seja um tanto árdua devido às múltiplas definições e pouca delimitação do que realmente seja este gênero narrativo. Depois de maneira prática, aplica a metodologia da pesquisa-ação em uma turma de ensino fundamental em Orobó - PE, na qual orienta seus alunos na leitura da obra *Com certeza tenho amor* (COLASANTI, 2009), a qual é constituída de onze narrativas curtas, de forma que eles possam ler e ser capazes de atribuir sentidos ao texto examinado, através de oficinas.

O resultado de sua pesquisa foi positivo, os alunos através da leitura orientada dos contos foram capazes de atribuir sentidos de maneira individual ao que liam, expressando um feito considerado para a realidade de boa parte dos envolvidos. Essa dissertação do PROFLETRAS é uma comprovação de que o gênero conto pode ser utilizado como uma

⁵Esta informação pode ser verificada no link <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/numero-de-leitores-no-brasil-sobe-6-entre-2011-e-2015-diz-pesquisa.ghtml>> acessado em 21 out 18.

ferramenta não só para o desenvolvimento de novos leitores, mas também para a atribuição de sentidos e aquisição de conhecimentos.

2.4.4 *Rakushisha, a cabana dos caquis caídos*

Seguindo o viés da inovação, a tese de doutorado em Literatura Comparada de Costa (2007) é um trabalho muito mais contundente, pois rompe totalmente com as regras do texto acadêmico. Seu trabalho é composto basicamente por uma narrativa ficcional, um romance baseado na literatura japonesa. Dentro da estrutura acadêmica há apenas uma introdução, um sumário e um resumo, no mais, a autora se apropria de toda liberdade que a literatura pode oferecer para escrever seu romance *Rakushisha*, utilizando-se de uma linguagem típica do gênero literário em questão e abstando-se de fazer qualquer tipo de referência teórica, ou comprovação científica em todo o escopo do texto, embora todo o trabalho formal de pesquisa esteja diluído por todo o texto ficcional. Mesmo sendo um trabalho de conclusão que não seguiu os padrões acadêmicos, a tese foi aprovada e, um tempo depois, lançada sob o formato de livro. Outro fator que destaca a importância e relevância desse trabalho foi a sua indicação ao prêmio Jabuti 2008 (LISBOA, 2008).

O motivo de o trabalho de Costa ter sido citado foi o de destacar que texto ficcional pode ser um trabalho acadêmico, embora a tese tenha sido defendida em um curso da área de Literatura, fator que não impede que tal estratégia seja empregada em outras áreas, como na Linguística por exemplo. Por mais que neste trabalho não haja uma pretensão de quebrar totalmente os moldes da Academia, há o objetivo de unir conhecimentos científicos e literatura. Nas palavras de Krause (2009), quando discute sobre a importância de cursos de pós-graduação em Literatura aceitar um trabalho de ficção como tese, vemos que:

[...] costuma ser bem sucedida, gerando trabalhos de ficção ousados e consequentes porque frutos do diálogo tenso com a reflexão acadêmica. Isso se chama: produção de conhecimento e de cultura. (Krause, 2009).

A literatura pode, deste modo, ser uma ponte entre a sociedade e os textos acadêmicos nos dias atuais, pois com sua liberdade criativa, tensão criada no enredo, personagens e etc, ela pode se apropriar das mais diversas linguagens, inclusive aquelas mais populares, para se

aproximar de seu leitor de maneira que permita despertar seu interesse e possivelmente favorecer na aquisição de conhecimentos.

3 O ACADÊMICO NO NÃO ACADÊMICO

Neste capítulo será descrita a parte não acadêmica, ou seja, a narrativa ficcional, bem como seu modo de inserção nesta dissertação. Para isso, haverá uma reflexão sobre o gênero narrativo escolhido para servir de suporte à história, que é o conto, segundo os estudos de Gotlib (2004), destacando suas principais características. Em seguida, será apresentado o enredo da história ficcional, assim como personagens, localização temporal e espacial, e, também, como o conteúdo acadêmico (conceitos de língua, normas e preconceito linguístico, entre outros) será organizado e trabalhado tendo como base metodológica o processo de retextualização conforme Dell’Isola (2007). Por fim, no capítulo seguinte, o texto narrativo propriamente dito com o intuito de divulgar de maneira mais simplificada e atrativa os temas já citados será apresentado no seu formato integral.

Cabe ressaltar que, no momento de inserção da narrativa ficcional, o gênero acadêmico com todas as prescrições e formalidades será trocado, de maneira intencional, pelo gênero conto com toda sua liberdade criativa. Haverá o uso das mais diversas variedades da língua portuguesa, inclusive aquelas não condizentes ao texto acadêmico, uma vez que o objetivo dessa história é ser acessível tanto a membros da comunidade acadêmica quanto àqueles que ainda não ingressaram ou não tiveram a oportunidade de ingressar em uma universidade. Faz-se necessário salientar novamente que não há o objetivo de ser subversivo ao rigor formal aplicado nos trabalhos de conclusão de curso, mas sim de facilitar o acesso ao conhecimento científico.

3.1 O gênero narrativo conto

Organizar o conhecimento em forma de histórias para transmiti-lo a outras pessoas é um processo natural e muito comum nos seres humanos, remonta desde os primórdios, muito antes do surgimento da escrita (GOTLIB, 2004). Esse processo de transmissão de conhecimento e cultura perpassa pelos diversos contextos, desde os mais formais quando ainda não havia escrita e um mestre precisava ensinar seus ouvintes, aos contextos mais descontraídos como uma família reunida ao redor de uma mesa para uma refeição, por exemplo. Sempre se pode aprender algo a partir de uma história contada, sendo este recurso

utilizado tanto por filósofos quanto por mestres religiosos, de professores formais a anciãos que prezam pela sua cultura antiga.

Desse modo, contar uma história não é um simples ato, mas também um mecanismo de perpetuação daquilo que é conhecido no mundo. Dentre os diversos gêneros narrativos que dão suporte a esta atividade de narrar acontecimentos, o gênero conto foi escolhido, dadas as suas principais características, apresentadas a seguir, segundo reflexões feitas em Gotlib (2004).

Segundo a autora o conto seria uma sucessão de acontecimentos, modos de contar algo que seja do interesse humano. Esses eventos ou acontecimentos tanto podem ser reais quanto inventados, o conto não tem o compromisso com a realidade, ampliando ainda mais suas possibilidades. A autora vai mais além quando diz que realidade e ficção podem se interseccionar na história apresentada (GOTLIB, 2004, p.8). Para definir inicialmente o conto, Gotlib (2004) apresenta a definição de Júlio Casares que compreende o conto a partir de três acepções:

Para Julio Casares há três acepções da palavra conto, que Julio Cortázar utiliza no seu estudo sobre Poe: 1. relato de um acontecimento; 2. narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3. fábula que se conta às crianças para diverti-las. Todas apresentam um ponto comum: são modos de se contar alguma coisa e, enquanto tal, são todas narrativas. Pois “toda narrativa consiste em um discurso integrado numa sucessão de acontecimentos de interesse humano na unidade de uma mesma ação”, afirma Claude Brémond, ao examinar a “lógica dos possíveis narrativos” (2004, p. 8).

Definir o gênero conto não é uma tarefa simples, entre os teóricos que se prestaram a essa tarefa não há um consenso sobre a definição do gênero em questão e também sobre seus limites, embora concordem a respeito da brevidade e de ter apenas um único foco de tensão, relegando aos parentes mais extensos (novela e romance) as descrições excessivas, as divagações e digressões. Ao conto cabe ser conciso e tenso no único foco tensão, ou conflito, apresentado na história. Cavalcante (2016) trata dessa questão:

O romance e a novela são criações narrativas também em prosa, assim como é o conto. Neste caso esses tipos de narrativa são os parentes mais extensos do conto. O diferencial é que se trata de um gênero que não se ocupa em excessos, se constrói numa situação dramática única, sem alongar necessariamente o âmbito da ação, sendo breve para não correr o risco de fracassar em sua tensão dramática (2016, p. 26).

Levando em consideração as características mais consensuais, o conto poderia ser definido da seguinte forma:

Em sua forma original, o conto registra um momento significativo na vida da(s) personagem(ns). A visão de mundo ali presente corresponde a um fragmento de vida que permite ao leitor intuir (ou entrever) o todo ao qual aquele fragmento pertence. A essa intenção de revelar apenas uma parte do todo, corresponde a estrutura mais simples do gênero narrativo: há uma unidade dramática, ou um motivo central, ou um conflito, uma situação, um acontecimento... desenvolvido através de situações breves, rigorosamente dependentes daquele motivo. Tudo no conto é condensado: a efabulação se desenvolve em torno de uma única ação ou situação; a caracterização das personagens e do espaço é breve; a duração temporal é curta... Daí sua pequena extensão material (geralmente, um conto se estrutura em poucas páginas)(COELHO, 2000, p. 71).

A brevidade extensiva do conto não é uma deficiência, mas sim uma peculiaridade que impele que o escritor seja muito criativo, eficaz e econômico no que conta, para que aquilo que não está escrito seja percebido pelo leitor, que, por sua vez, precisa estar atento tanto ao que está nas linhas quanto ao que está nas entrelinhas, subentendido. Essa natureza dupla do conto é destacada por Piglia (2004):

[...]um conto sempre narra duas histórias, uma aparente e outra secreta. A arte de construir um bom conto reside em contar as duas histórias simultaneamente, como se fossem uma só, de forma que o desfecho da narrativa seja a revelação "que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta" (2004, s/n).

Ao definir o conto fantástico, Gotlib (2004) destaca a característica dessa modalidade que trata de personagens e locais não determinados historicamente, trazendo para a história aquilo que se tem expectativa de ocorrer, em oposição à realidade que muitas das vezes não corresponde ao que se espera, destacando sempre uma lição, uma moral da história apresentada. Esse tipo de conto é muito comum nas histórias infantis que se cristalizaram ao longo dos anos e são até os dias atuais dotadas de prestígio e reconhecimento, trata-se dos contos de fadas, histórias tradicionalmente marcadas pelo iniciador discursivo “Era uma vez...”. Além do público infantil, esse tipo de conto também é de interesse de jovens e adultos, uma vez que o uso de recursos que extrapolam a realidade e apresentam um teor maravilhoso suscita o interesse de todas as faixas etárias, fator que permite sua permanência entre os gêneros narrativos mesmo com o passar do tempo.

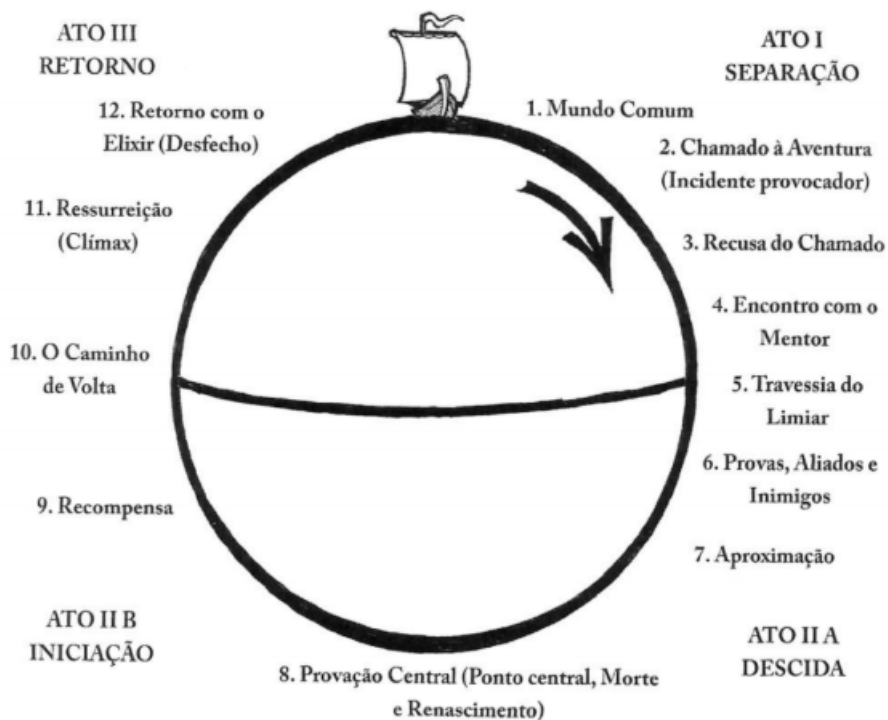
Considerando a realidade leitora no Brasil, que não é muito boa, e procurando manter a coerência do objetivo desta dissertação, que é ser divulgada e acessível a um público não especializado inclusive, foi escolhido o gênero conto, que de maneira muito simples e sintética foi descrito nos parágrafos anteriores. Espera-se construir uma história não muito longa, com traços do conto fantástico, que seja atrativa ao público leitor, para que este seja capaz de captar tanto a mensagem expressa na narrativa ficcional pelos códigos linguísticos,

quanto ao que realmente se esperar alcançar: um entendimento maior do que seja normas e preconceito linguístico.

3.2 Estruturação da história ficcional

Abordando a questão estrutural, o conto ora desenvolvido possuirá todos os elementos constitutivos de uma narrativa comum que são: narrador, enredo, personagens, foco narrativo, localização temporal e espacial. O arranjo desses elementos narrativos se dará a partir dos estudos de Vogler (2015) que versam sobre a “Jornada do Herói”, uma espécie de padrão narrativo que organiza as histórias já há muito tempo. Esse padrão delimita as narrativas em quatro atos (separação, descida, iniciação e retorno) que por sua vez são constituídos por doze passos – *1.Mundo comum, 2.Chamado à aventura, 3.Recusa do chamado, 4.Encontro com o mentor, 5.Travessia do limiar, 6.Provas, aliados e inimigos, 7.Aproximação, 8.Provação central, 9.Recompensa, 10.O caminho de volta, 11.Ressurreição e 12.Retorno com o elixir.*

Figura 1 – Jornada do Herói



Fonte: VOGLER, 2015, p. 47

Por mais que as etapas apresentadas por Vogler (2015) sejam voltadas inicialmente para as narrativas jornalísticas, Profeta (2016) destaca as fontes literárias que subsidiaram os estudos do roteirista norteamericano como Vladimir Propp (1984), Abdala Júnior (1995), Barthes (1971), entre outros, indicando que seu uso na literatura é adequado. O seguinte excerto destaca isso:

[...] trata de um modelo originalmente pensado para aplicação em narrativas jornalísticas, mas que deriva de conceitos teóricos das teorias literárias, o que denota uma preocupação em considerar narrativas de um ponto de vista universal e o torna um método bastante adequado para aplicação num projeto que se preocupa, também, com os limites entre realidade e ficção (PROFETA, 2016, p. 103).

Deste modo a jornada do herói inicia em seu **mundo comum**, ou seja, seu lar, ambiente local onde vive dentro da normalidade, quando recebe um **chamado à aventura**, incidente que impele o herói a agir. Mesmo incitado à ação, o herói **recusa o chamado**, talvez por se julgar incapaz, mas no **encontro com o mentor**, pessoa que o orienta e motiva ao seu chamado, o herói faz a **travessia do limiar**, rompendo com suas dificuldades e medos e partindo, convicto, para sua jornada. Durante seu percurso irá deparar-se com **provas, inimigos e aliados**, fatores que acrescentarão emoção, tensão, medo, fraqueza, disputas acirradas, e etc, à jornada do herói, até o momento da **aproximação** daquilo que busca em sua aventura quando se depara com a **provação central**, situação na qual suas convicções serão postas à prova, mas sua coragem e persistência o levarão a sua **recompensa**. Após o suposto término de sua missão, o herói buscará o **caminho de volta** para o seu lar, mas um inesperado ocorrido trará de volta seu maior desafio numa espécie de **ressurreição**, entretanto desistir não é uma opção, fato que levará o herói ao desfecho de sua história com êxito, **retornando com seu elixir**, levando a sensação de dever cumprido consigo.

Esse tem sido o padrão narrativo de muitas histórias, algumas cristalizadas no senso comum, através dos filmes, ou mesmo dos livros. Basta uma rápida análise para verificar boa parte das etapas citadas, senão todas, em diversas narrativas como os filmes *O Rei Leão* (1994), a trilogia mais recente do filme *Batman*, entre outros. No universo escrito, no livro já citado *As crônicas de Nárnia: o leão, o guarda-roupa e a feiticeira* (LEWIS, 2011) também é possível identificar cada passo da jornada dos heróis da narrativa. Outro exemplo é contemporâneo de Lewis, J. R. R. Tolkien, que também deixa nítido essas etapas em sua obra *O Hobbit* (TOLKIEN, 1937), que conta as aventuras de Bilbo Bolseiro em sua jornada com um grupo de anões.

Para que a descrição da narrativa ficcional ora apresentada, *Pela Liberdade de Laci*, seja eficaz, é necessário dividi-la em duas partes: na primeira será descrita a narrativa ficcional propriamente dita, apresentado os elementos narrativos e sua organização segundo os estudos de Vogler (2015) sobre a jornada do herói; e na segunda parte será descrita a metanarrativa, que é a transmissão dos conteúdos sociolinguísticos já citados de maneira velada e sutil, mostrando a correspondência entre os elementos ficcionais e os elementos acadêmicos.

3.3 Por dentro da narrativa e da metanarrativa: o enredo de *Pela liberdade de Laci* e a correlação com os assuntos acadêmicos

O enredada narrativa *Pela liberdade de Laci* é estruturado através do foco narrativo de terceira pessoa em algum período da Idade Média. Antes, porém, de apresentar todo o enredo propriamente dito, são necessários alguns esclarecimentos sobre a localização temporal do conto.

A escolha desse período temporal foi feita a partir da constatação de que histórias no período medieval são muito comuns e populares ainda nos dias de hoje, além de serem recorrentes em diversos gêneros como filmes, séries, novelas e livros, por exemplo. O público alvo de histórias que utilizam esse período também é muito variado, a sequência de filmes de animação *Shrek* muito popular e prestigiada mundialmente é voltada para o público infanto-juvenil, há também outros filmes nessas características como *Valente*, *O gato de botas*, entre outros.

Para o público mais juvenil, podem ser citadas as séries norte-americanas *Once upon a time* que faz uma releitura dos clássicos contos de fadas, que são inseridos no período medieval, e *Game of Thrones* cuja história também é centrada em reis, reinos, conflitos, etc. Ambas as séries são muito prestigiadas e reconhecidas pela crítica especializada, principalmente a última citada. Por fim, já mais voltados para o público adulto, há os filmes *Rei Arthur*, *Robin Hood*, *As cruzadas*, com histórias marcantes, conflitos e guerras na idade média. Até mesmo nas telenovelas o período das trevas já foi revivido, como na novela da emissora Globo, transmitida no ano de 2018, *Deus salve o Rei*. Todos esses exemplos servem

para ilustrar e validar a coerência desse período temporal, bem como justificar sua utilização na narrativa aqui apresentada.

Retomando a organização do enredo como um todo, tem-se o seguinte: em um período compreendido na Idade Média, em um reino muito próspero e belo por conta de suas paisagens naturais, Laci, um ser fantástico que tem uma capacidade multiforme, além de conseguir falar e interagir com os seres humanos, vive livremente. Sua amabilidade e carisma fazem com que todos à sua volta a admirem e respeitem, independentemente da classe social dessa pessoa.

Quando o Rei Formalis II decreta que Laci é uma propriedade da coroa e que deve circular apenas nas dependências reais, o povo sofre muito com a ordem. Inconformado, o jovem Will, que já teve contato com Laci durante sua infância, sente a obrigação de lutar pela liberdade desta, embora assustado e com certo receio de que não terá sucesso em sua missão, mas, apoiado e encorajado por seu mentor, o Mago Uriel, parte em direção ao castelo real, atravessando todo o reino, passando por todos os feudos que o compõem. Em cada etapa de sua jornada se deparará com dificuldades, aventuras, apoiadores e outros que procurarão desestimulá-lo em seu objetivo. Ao encontrar o soberano, seu maior desafio será fazer com este altere seu decreto, para isso se utilizará de toda sua capacidade argumentativa.

Will conseguirá que o Rei reveja alguns pontos de seu decreto, ainda que um tanto contrariado, deste modo Laci terá novamente sua liberdade, embora um pouco limitada. Ao pensar que havia concluído sua tarefa, Will decide retornar para seu lar, mas, para sua surpresa, Formalis II só concederá a liberdade de Laci, caso o jovem seja capaz de cumprir um desafio arriscado com o objetivo de assegurar que Laci não será corrompida pelo convívio com o povo, fato que não estava no acordo feito anteriormente. O jovem não desiste e consegue cumprir o que lhe foi imposto, alcançando definitivamente seu objetivo, e sendo também premiado por sua conduta e coragem. Após todos esses ocorridos retorna para seu lar com a sensação de dever cumprido.

Após a apresentação do enredo, será descrita a relação entre a narrativa e a metanarrativa da história, que consiste em tratar os assuntos acadêmicos já citados (seções 2.2 e 2.3). Correlacionar o enredo apresentado com os conteúdos acadêmicos propostos é o grande desafio desta dissertação e se dará da seguinte forma: Laci representa a língua

portuguesa, seu nome é uma referência ao poema de Olavo Bilac, *A última flor de Lácio*⁶; sua capacidade multiforme, as inúmeras variedades que compõem nossa língua; seu comportamento diferente em cada região e grupo social remeterá às normas linguísticas, assim, como em cada região e contexto de nosso país tem-se uma variedade linguística, assim Laci em cada local e contexto terá uma maneira específica de se comportar.

Will remete a William Labov, considerado o pai da Sociolinguística, bem como sua busca para constatar que variação e mudança são características inerentes das línguas. O mago Uriel representa seu professor e mentor na vida acadêmica Uriel Weinreich, enquanto Zog é uma representação de Marvin Herzog com quem Labov também trabalhou durante sua carreira acadêmica. Enquanto Formalis II representa aqueles que não reconhecem o valor e a legitimidade das variedades não cultas, o personagem Índio é uma representação de todos os que têm sua maneira de utilizar a língua desqualificada pelo preconceito linguístico.

Para explicar as normas propostas, será feita a seguinte correlação: A norma padrão será explicada pelo decreto-real que determina como e onde Laci deve agir e ficar; a norma culta será a adequação de Laci ao contato com a nobreza e o rei; a norma popular será a forma como Laci age no meio povo; e a norma gramatical será a tentativa de educar Laci e o povo de acordo com o prescrito pelo decreto real. O preconceito linguístico, por fim, será mencionado a partir da posição do rei ao declarar que o povo não é digno de estar com Laci, que as formas e a maneira de conviver com o povo, utilizadas por ela, são totalmente inapropriadas.

Tal procedimento de correlação entre os conteúdos acadêmicos e os elementos do enredo da história corresponde ao processo de retextualização pode ser inserido no processo, descrito conforme Dell’Isola (2007), de retextualização. Processo que subsidia e confere um aspecto metodológico nesta correlação entre os conceitos acadêmicos presentes na metanarrativa e os elementos da história ficcional. Na próxima subseção, será descrita de maneira pormenorizada a utilização desse processo.

⁶ Este poema pode ser verificado no link <<http://www.linguisticaelinguagem.cepad.net.br/EDICOES/02/arquivos/20%20Poesia.pdf>> acessado em 10 out 18.

3.4 Retextualizando um gênero acadêmico

Dentro do contexto de facilitar e promover uma maior circulação dos conhecimentos científicos para um público não especializado, o processo de retextualização surge como um fundamento metodológico do que é proposto nesta dissertação: transcrever o gênero acadêmico num gênero narrativo. Tal processo está diretamente relacionado ao conceito de gêneros textuais, outro conteúdo importante que vem sendo discutido e incentivado por diversos educadores e autores como Dell’Isola (2007), Marcuschi (2010), Antunes (2005) entre outros, como meio de expandir as competências comunicativa e linguística dos discentes dentro das salas de aula.

Retextualizar um texto significa, em linhas gerais, transpor o conteúdo de um gênero discursivo qualquer para outro gênero, levando em consideração as peculiaridades do novo gênero, mas sem perder a essência do conteúdo do gênero base (DELL’ISOLA, 2007). Pode ocorrer de quatro maneiras: da fala para escrita; da fala para fala; escrita para a fala; e da escrita para a escrita. Um exemplo de retextualização bem simples é a transcrição de uma entrevista oral num jornal, por exemplo, correspondendo ao tipo transposição da fala para escrita (MARCUSCHI, 2001 *apud* DELL’ISOLA, 2007, p. 36).

No texto de Dell’Isola (2007) esse processo ocorre através duas etapas bem definidas: na primeira ocorre a leitura, compreensão e identificação dos gêneros; já na segunda ocorre a retextualização propriamente dita, envolvendo também os processos de conferência e identificação dos elementos do gênero base no gênero produto (2007, p. 45). A autora ainda faz a seguinte ressalva: “É importante observar que o gênero escrito, a partir do original, deve manter, ainda que em parte, o conteúdo do texto lido.” (DELL’ISOLA, 2007, p. 46), indicando que pode haver alguns aspectos ou elementos do gênero original que não serão aproveitados ou inseridos no novo gênero.

O processo de retextualização utilizado neste trabalho é do tipo gênero escrito para gênero escrito. Na primeira etapa, as seções 2.2 (O preconceito linguístico) e 2.3 (identificando as normas linguísticas) correspondem ao gênero base, nas quais ocorrem os processos de leitura e compreensão textual dos conteúdos a serem retextualizados, e em que ocorrem também a identificação dos gêneros que serão trabalhados: o acadêmico através das seções 2.2 e 2.3, e o narrativo através da seção 3.1 (O gênero conto e as suas peculiaridades).

A segunda etapa que corresponde à retextualização propriamente dita ocorre no capítulo 4 com a inserção do conto *Pela liberdade de Laci*, já os processos de conferência e identificação dos aspectos e elementos transpostos de um gênero para o outro podem ser verificados na tabela 1 a seguir, que além de ser parte do processo de retextualização, sintetiza boa parte do que foi exposto na seção 3.3 (Por dentro da narrativa e da metanarrativa).

Tabela 1 – Correspondência entre conteúdos acadêmicos e ficcionais

CONTEÚDOS ACADÊMICOS TRATADOS	CORRESPONDENTES FICCIONAIS	REGISTROS
Língua (língua portuguesa)	Langue (Laci)	Todas as formas e características de Laci apresentadas na narrativa.
Norma-padrão	Decreto-real	Trechos do decreto-real
Norma culta	Modos de Laci no contato com a nobreza	discursos feitos nas dependências reais pelos nobres.
Norma gramatical	Tentativa de educar Laci e o povo segundo o decreto-real	Envio de emissários reais para ensinar a arte de ler e escrever, bem como os modos corretos de Laci.
Norma popular	Comportamento de Laci no contato com o povo	Modos de falar do povo, discurso de Laci feito na província de Praialinda.
Preconceito linguístico	Alegação de que o povo não merece desfrutar da companhia de Laci	Proibição de Laci circular entre o povo, sob o risco de corromper-se, discurso do Rei sobre as “formas indignas” de Laci.

É necessário esclarecer que não é objetivo dessa história explicitar os conteúdos acadêmicos, tornando-a numa espécie de narrativa didático-acadêmica, mas sim fazer com que tais assuntos apareçam de modo muito sutil, sendo evocados a partir de características e comportamentos dos personagens envolvidos na história, conforme explicado nos parágrafos

anteriores, para que a partir de poucos esclarecimentos, o público não especializado seja capaz de entender a metanarrativa por trás da história contada.

A seguir, após o cuidado de justificar e embasar teoricamente cada passo desta dissertação, o texto ficcional para divulgação científica intitulado *Pela liberdade de Laci*, de autoria própria, será apresentado em sua íntegra, contendo todos os itens e explicações citados anteriormente, representando, portanto, o produto produzido por este trabalho de conclusão.

4 PELA LIBERDADE DE LACI: NARRATIVA FICCIONAL DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Diz a lenda que há muitos anos, antes mesmo da existência de qualquer tipo de registro escrito, havia um ser que era livre, e devido a essa liberdade, podia percorrer por todos os reinos, conviver e relacionar-se com todos os povos. Este ser tinha algumas características peculiares, alguns diziam que a sua companhia era capaz de trazer sorte e prosperidade àqueles que se dedicavam em conhecê-lo melhor. Outra peculiaridade era a sua capacidade de assumir variadas formas, assim poderia assumir uma imponente forma semelhante a um enorme urso, como também podia transformar-se na mais bela e frágil flor, além de ser dono de uma incrível agilidade. Era capaz de fazer um cavalo imperial puro sangue parecer uma lenta e gosmenta lesma. Mesmo sendo dócil e gentil, ele era selvagem e não gostava de ser aprisionado em nenhum lugar. Podia estar próximo tanto dos nobres quanto dos aldeões, era realmente um ser especial. Com o passar do tempo, este ser foi evoluindo e dando origem a outros com as mesmas características, ou seja, a partir de umalangu começaram a surgir muitas outras, que hoje praticamente abençoam a todos os reinos.

Creio que minhas descrições devem tê-lo deixado um tanto curioso, perguntando-se o que seria essa criatura. Pois bem, eis a minha explicação: não podia ser considerado humano, tampouco um animal comum, mas uma raça única, sua forma mais usual era semelhante a um cervo, era realmente uma raça de seres muito especial, eles eram chamados de **Langué**. Criaturas quase indecifráveis que despertaram o interesse de muitos, desde magos que se interessavam em descrevê-los de maneira bem-intencionada a tiranos com desejo insano de conquistar poder e prestígio perante outros os povos. Em cada reino não foi diferente, eles foram perseguidos e aprisionados, a realeza dizia que eram propriedades da Coroa e, portanto, não cabia ao povo o direito de estar com eles.

Existiam várias langués espalhadas por todas as regiões do mundo, a história que vou contar é sobre a langué Laci, uma langué adorável, dócil que por muito tempo circulou livre pelo reino de Iberia. Todas as pessoas a admiravam, maravilhavam-se com sua capacidade multiforme. Uma vez Laci se transformou num lindo coelhinho apenas para fazer uma pobre menina sorrir, e assim de acordo com a situação ela se transformava em algo diferente, já foi uma águia, um urso, um leão, uma zebra, uma lêmure, até mesmo um dragão.

A presente história ocorreu no Reino de Iberia, um reino respeitado e próspero, com belas paisagens e riquezas naturais. Simplesmente, perdia-se a noção de tempo quando se estava no topo da colina Rei Victor II, a mais alta da região, e era capaz de observar quase toda a extensão iberiana, repleta de planícies verdejantes, cortadas por riachos de águas claras, florestas com animais e muitas árvores. Era realmente muito lindo contemplar essa paisagem. O reino era cercado por elevações, que formavam praticamente um muro natural, o castelo ficava no topo da colina mais alta do feudo ao sul. Subindo um pouco o mapa, tinha o feudo de Errejota, situado na região sudeste e por estar próximo ao litoral era dotado dos melhores navegadores do reino, diziam que o povo de lá era muito festivo, embora houvesse também uns malandrinhos que gostavam de passar a perna nos outros. Mais acima na região central estava o feudo de Cerradobranco, responsável por criar nossos animais, tanto os cavalos de guerra, como os gados que serviam de alimento. Prosseguindo, chegava-se ao feudo de Praialinda, a nordeste, essa região era um pouco mais esquecida, mesmo assim, tinha uma participação importante em nosso reino a partir dos alimentos e especiarias que produzia. A última região, mais isolada e esquecida ainda, que ficava no outro extremo de nosso mapa, no norte, era o feudo de Matabrava, local onde se concentravam os ferreiros. Lá eram produzidas as armas dos cavaleiros e todos os materiais metálicos necessários para o reino.

Mapa de Iberia



As finanças do reino também estavam em ótimas condições, os mercados locais viviam cheios, pessoas de outros reinos vinham até Iberia para comprar diversos itens. Mas, como em todos os reinos, somente aqueles que faziam parte da realeza desfrutavam de toda essa prosperidade, mesmo assim os povoados no entorno do castelo real, que tanto trabalhavam e sofriam, conseguiam sobreviver e, em meio às dificuldades, encontravam motivos para sorrir e festejar.

Um dos motivos era a presença de Laci que toda vez que aparecia era recebida com muita alegria, porém desde o surgimento do **decreto-real** que declarou que a langue Laci era propriedade exclusiva da coroa, e que sua capacidade multiforme seria utilizada apenas para os interesses do rei e que ela apenas poderia circular nos limites do castelo real, não podendo ultrapassar os muros que o cercavam, o povo perdeu um dos principais motivos de sua alegria. Laci era amada por todos que a conheciam, em todos os feudos e povoados por onde passava, ainda que o lugar tivesse costumes e tradições diferentes, ela tinha uma capacidade incrível de fazer amigos, conseguia estar próxima desde os anciões aos meninos, atraía a atenção tanto dos nobres, cavaleiros reais, como também de magos, ferreiros, artesãos, camponeses e demais súditos.

Se Laci estivesse no castelo real, assumia formas que, segundo os padrões da realeza, eram vistas como imponentes, elevadas. Assim se transformava em um papagaio, ou em um felino, por exemplo. Sua forma de falar também era moldada segundo os costumes reais. Mas, quando estava nas outras regiões do reino em contato com o povo, Laci era muito mais descontraída, assumia a forma de macaquinhos, quatis, passarinhos engraçados... só para alegrar o povoado. Falava de forma espontânea, sem tanta preocupação, usava gírias e ainda dava uma valorizada no “s” quando estava no feudo de Errejota – E aí vassaloxx!?! – era o cumprimento de Laci nessa região. Já na região nordeste, falava de uma forma mais ritmizada, abrindo mais os sons emitidos nas conversas - Oh Mininudoidu! - dizia Laci em determinadas ocasiões. Assim era Laci, sempre feliz, sempre alegrando a todos em sua voltae, além disso, sempre preocupada com todos. Não gostava de ver ninguém triste, ou mesmo injustiçado.

Outra característica de Laci era a de fazer abrigos para dormir. Geralmente ela fazia utilizando-se da vegetação local e, mesmo assim, ficava um lugar muito agradável e bonito. Como ela estava sempre passando por todos os povoados e províncias do reino, praticamente em todas as regiões de Iberia tinha um abrigo construído pela própria Laci para dormir, exceto no castelo real onde o abrigo foi construído a mando do rei. Só que essas construções também

tinham algo de especial, era como se parte da langue permanecesse ali, mesmo nos momentos em que ela estivesse ausente, as pessoas não sabiam explicar. Simplesmente sentiam isso, era uma energia diferente que tomava conta de todo o local. Assim para aliviar a saudade da langue nos momentos que ela demorava mais para aparecer, as pessoas se reuniam na região de seu abrigo, sentiam a energia do local e era como se Laci estivesse ali com eles, e então realizavam uma festa.

Um exemplo que comprova o quanto Laci se importava com as pessoas é quando ela esteve em um determinado povoado e houve um ataque de bárbaros que tentavam tomar os bens e queimar as casas dos moradores. Laci assumiu a forma de um dragão de mais de cinco metros de altura, e com sua incrível capacidade de articular e organizar as pessoas, montou uma espécie de tropa com os homens da aldeia e juntos colocaram todos os bárbaros para fugir. Quando os soberanos perceberam a capacidade bélica das langues, ou seja, seu poder para combater e guerrear, bem como seu poder persuasivo e articulatório com as pessoas, começou o processo de dominação desses seres. Isso ocorreu em todos os territórios, e em Iberia não foi diferente.

Esse episódio que Laci colocou os invasores para correr chegou rapidamente ao conhecimento do Rei Formalis II, que de imediato colocou seus cavaleiros reais para capturarem e levarem-na para o palácio. De fato, esses cavaleiros não eram suficientes para deter a langue, porém, temendo que algo ruim acontecesse ao povo no caso de não aceitar a ordem do rei, Laci permitiu ser levada pelos guerreiros em cumprimento do decreto-real. Ela também circulava pelo castelo real, já esteve diante do Rei em diversas ocasiões, deixando até a realeza encantada com suas habilidades, mas até então tinha liberdade para circular para qualquer região de Iberia.

Diziam - não tive como comprovar - que cada território de nosso grande mundo tinha uma langue como guardiã (aqui em Iberia tínhamos Laci), esses seres seriam responsáveis por proteger seus territórios, organizar a população e velar pelo bem-estar de todos. Se isso era verdade eu não soube, de todo modo, as atitudes de Laci faziam essa história parecer real.

Alguns anos antes da imposição do decreto-real, no feudo de Matabrava, ao norte do castelo real, no pobre povoado de Ruther, um juvenzinho franzino de nome Will vivia como todos os meninos de sua idade. Ajudava seus pais no que era preciso, possuía uma curiosidade muito aguçada, aventurava-se com seus amigos em diversas brincadeiras pelas florestas, enfim era um menino comum. Num dia como outro, saiu para buscar lenha para sua mãe

cozinhar, ao atravessar o povoado e seguir rumo à floresta, de repente uma grande surpresa, um lobo do mato com os dentes de fora preparava-se para dar um bote no pobre menino. No momento em que o lobo saltou na direção de Will, que de tanto medo perdeu todo senso de reação e ficou totalmente parado, Laci na forma de um grande búfalo golpeou o lobo que fugiu assustado. Will permanecia estático, não movia um dedo sequer, quando Laci transformou-se num belo cão de caça e se aproximou do menino de forma afetuosa.

- Mas o que... o que é você? Como você fez isso? - perguntou o menino ainda trêmulo.

- Acalme-se, menino. Está tudo bem agora. Andar pela floresta requer muita atenção e cuidado, então na próxima vez lembre-se dessas minhas palavras – disse Laci com todo cuidado e preocupação.

Esse foi seu primeiro contato com uma langue, até então só ouvira histórias a seu respeito. Laci apenas esboçou um sorriso e arrastou sua cabeça no menino como uma forma de carinho, as palavras da langue foram tão reconfortantes que o menino se acalmou na mesma hora, ela realmente sabia dizer as coisas certas. Desse dia em diante, Laci nunca mais saiu da cabeça de Will, que frequentemente revivia esse ocorrido em suas memórias, ficou tão impressionado com as palavras da langue que toda vez que saía de casa lembrava-as.

O jovem ferreiro, por ajudar seu pai na produção das espadas e de outras armas dos cavaleiros reais, tornou-se um grande admirador dos guerreiros e passava, às vezes, horas empunhando as espadas e treinando golpes no ar quando seu pai não estava por perto, passando a desenvolver uma habilidade ímpar na arte de manusear uma espada, essa habilidade se tornaria muito útil ao menino num futuro não muito distante. Perto do local onde Will quase foi atacado pelo lobo do mato, vivia um velho mago, diziam que em tempos antigos suas mágicas e porções foram muito úteis contra os inimigos do reino, seu nome era Uriel. Sua casa ficava quase no meio da floresta, um pouco distante do povoado mais próximo, o mago tinha uma grande admiração por langues e procurava entender melhor que ser era este. Afinal, nenhum outro animal tinha capacidade de alterar sua forma. O dia mais feliz de sua vida foi quando Laci apareceu bem na frente de sua casa, que aliás foi o mesmo dia em que Will foi atacado pelo lobo, pois teve a oportunidade de ficar a um passo de distância da langue. Nunca antes esteve tão próximo, foi realmente algo memorável. Após esse contato seu interesse por langues aumentou ainda mais, passou a buscar tudo o que havia de registro histórico desses seres, bem como rastros e qualquer outro elemento deixado por

eles. Uriel e Will se conheceram no dia que Laci salvou o menino, e daquele momento em diante uma grande amizade nasceu entre os dois, fruto da admiração mútua por Laci. A experiência e o conhecimento de um, aliados à juventude e ao vigor do outro foram ingredientes fundamentais nesta amizade.

Os anos então se passaram, vou detalhar um pouco melhor o que aconteceu após a emissão do decreto-real. Will, antes bem franzino e mais novo, se tornou um jovem forte e muito inteligente, com uma capacidade incrível de convencer as pessoas. Dificilmente perdia uma discussão, aprendeu muito com o velho Uriel. Até mesmo o mago estava perdendo para seu aprendiz em batalhas de argumentações. Como já dito, Laci chamava a atenção de todos, inclusive do grande rei Formalis II, que por ficar tão admirado com as habilidades tanto de mudar de forma, quanto de saber conversar e interagir com todas as pessoas, resolveu determinar que a língua fosse considerada parte da nobreza, não só parte dos nobres, mas sim propriedade exclusiva deles. O rei sabia que Laci podia se transformar num urso, num leão, até mesmo num poderoso dragão, e que essas habilidades seriam de extrema importância ao reino. Um ser poderoso como este não poderia circular pelos povoados, muito menos ter contato com a plebe, era importante demais para isso, pensava o rei. O soberano, ao descobrir que Laci era totalmente submissa por pensar no bem-estar de todos, decretou então que a língua era propriedade exclusiva da coroa, e que apenas os nobres teriam acesso a ela, sob pena de duras punições àqueles que tentassem burlar o decreto. Laci ficou muito triste com o decreto-real porque gostava de todas as pessoas, mas mesmo assim resolveu cumpri-lo, para que ninguém fosse ferido ou prejudicado.

O decreto-real trouxe muita tristeza à grande parte do reino, em todos os povoados e feudos as pessoas lastimavam a perda dessa companhia tão agradável que aparecia regularmente para visitá-los. As pessoas estavam tão tristes que, mesmo quando iam aos abrigos que Laci havia construído e sentiam sua energia ali, continuavam cabisbaixas, mas, ainda assim, visitar o lugar e sentir a energia dela era um alento. Em todos os centros dos quatro feudos do reino de Iberia, emissários reais levavam o conteúdo do decreto-real para que todos tivessem conhecimento do mesmo. O decreto era mais ou menos assim:

- Ouçam todos com muita atenção as palavras de sua Majestade, o excelso Rei Formalis II. - dizia o emissário antes da leitura do texto do decreto, em seguida abria o pergaminho e iniciava a leitura:

O grandioso rei Formalis II, no exercício de suas prerrogativas e atribuições reais, estabelece imperiosamente que a langue Laci, a partir desta data, torna-se partícipe excepcional da realeza, sendo vedada sua transição para além dos termos limítrofes do castelo real. Todas as formas assumidas por esse ser ímpar, bem como suas habilidades devem ser apenas para o bem do seu soberano e dos assuntos reais. Destarte, assumir formas e comportamentos indignos passa a ser totalmente intolerável, inadmissível e inescusável, qualquer um que ultrajar os desígnios do elevadíssimo rei sujeitar-se-á a severas ações punitivas.

Sua Majestade real, Formalis II, o grandioso.

A maior parte da população nem sequer entendia o que estava sendo lido pelo emissário real, mas os que entendiam logo ficavam tristes e explicavam aos demais, em pouco tempo uma grande comoção se alastrava pelo povo. A reação foi a mesma em todos os povoados, não havia um que ficasse feliz com essa notícia, a não ser a realeza, obviamente. Os últimos a saberem desse ocorrido foram os do feudo do norte, local onde Will vivia. O jovem ficou tão enfurecido com o noticiado que por muito pouco não iniciou uma discussão com o emissário real, situação que foi evitada graças aos conselhos do velho Uriel, os dois estavam juntos na hora que a leitura foi feita no centro do povoado. Naquele mesmo instante, Will sabia que precisava fazer algo para mudar aquela situação, não era justo com Laci, não era justo com o povo. Era direito de Laci andar por onde quisesse e se transformar também do mesmo modo, a liberdade fazia parte da essência desse ser, pensava Will, não só isso, mas o jovem entendia que o meio onde a langue ficava determinava seu modo de agir e falar, por isso não era justo ela ficar apenas em um único lugar, isso limitaria suas habilidades.

O jovem no auge de sua emoção e juventude decidiu ir falar com o rei sobre essa situação, algo que não era muito fácil, para não dizer impossível. Primeiro teria que enfrentar uma viagem muito longa, atravessando toda a extensão iberiana até chegar ao palácio real, segundo que o rei raramente atendia a população em audiências públicas, mesmo assim Will mantinha isso em mente e já preparava mantimentos para sua viagem. Porém algumas pessoas, quando souberam de seu desejo de buscar a liberdade de Laci, procuravam desencorajá-lo, alegando que sua viagem seria perda de tempo e possivelmente terminaria com sua prisão no calabouço. De imediato Will refutou todos os argumentos contrários a sua partida, mas aos poucos essas palavras foram penetrando em seus pensamentos, o jovem chegou a pensar em desistir, mas lembrou que já foi salvo uma vez por Laci e que precisava

retribuir o gesto. Sua cabeça estava em um turbilhão, o jovem não sabia o que fazer. Neste momento chegou Uriel que disse:

- Onde está aquele rapaz cabeça dura e decidido que nunca desiste de seus ideais? Até onde eu saiba, você nunca teve medo de entrar numa discussão - disse o velho tentando encorajá-lo.

- Não tive medo aqui em nosso povoado. Nunca estive diante da realeza, muito menos do rei, isso é totalmente diferente. - retrucou Will.

- Você não pode desistir de um objetivo diante do primeiro obstáculo, precisa ser fiel aos seus ideais, afinal já vi você deixando emissários reais sem respostas ao questioná-los sobre os pesados impostos que pagamos à coroa. - disse Uriel.

- É verdade - respondeu Will com um leve sorriso no canto da boca.

- Você tem potencial para defender seus argumentos diante de qualquer um. Ora, graças ao excelente mestre que você teve, está apto a qualquer coisa - disse o velho Uriel estufando seu próprio peito.

Naquele momento Will terminou de aprontar suas coisas para viagem, e com a sensação de que podia mudar aquela situação, despediu-se de Uriel e iniciou sua longa jornada até o castelo real. Seu povoado ficava no extremo norte do reino, já o castelo, no extremo sul na colina mais alta. Não seria fácil, mas o jovem começou de maneira destemida sua viagem, mesmo sabendo que tinha poucos recursos, já que era de família humilde, e que teria que conseguir alimentos durante a jornada para conseguir chegar ao destino final de sua viagem. Sua companhia na viagem era o cavalo que seu pai emprestou, o famoso Pé de pano. Não era um puro sangue, estava mais para um pangaré, mas sua utilidade seria vital para que Will prosseguisse para o sul de Iberia.

Começou então a viagem, Will deixou sua casa, que ficava no povoado de Ruther no feudo de Matabrava, passaria pelos feudos de Praialinda, Cerradobranco e Errejota em direção à região sul onde ficava o castelo real. Na estrada que ligava Matabrava a Praialinda, o primeiro desafio de Will logo surgiu, o sol estava muito forte e sua água estava prestes a acabar, precisava urgentemente de uma fonte para completar seus cantis e também saciar sua sede. Enquanto caminhava pela estrada seca sobre o dorso de seu pangaré, Will observou uma vegetação bem esverdeada e suspeitou que pudesse haver algum córrego por ali. Para sua

felicidade, realmente havia um pequeno rio, tão depressa o rapaz se debruçou sobre o córrego e saciou sua sede, depois completou seus cantis, em seguida seu amigo de viagem também bebeu água. Will soube que, até chegar à próxima cidade, teria que economizar em seus goles d'água.

Ao chegar ao feudo de Praialinda, Will precisou justificar aos guardas na entrada o motivo de sua viagem. Alguns guardas riram das motivações do jovem, outros desconfiaram dele, achando que tinha algum propósito hostil. O capitão da guarda foi chamado para interrogá-lo.

- Quais são, veja bem, seus motivos para entrá em nosso feudo, rapaz? - perguntou o Capitão num tom desconfiado, com seu modo meio de falar que se assemelhava ao canto de uma cantiga.

- Estou apenas de passagem, senhor. Meu objetivo é chegar ao castelo real, procuro uma audiência com o rei a respeito do decreto-real que tirou a liberdade de Laci.

- Você é louco, é! - disse o capitão de forma não muito amigável. - o que você pretendei? Dizê que o rei tá errado e que deve corrigi seu decreto?

- Não pretendo insultar o rei de forma alguma, mas apenas mostrar que Laci é importante para todos, tanto os da realeza quanto o povo, e dizer que livre ela pode ajudar ainda mais o reino. - disse Will de maneira serena e convicta.

Nesse momento o capitão lembrou alguns momentos que teve com Laci, que realmente ela já tinha sido muito útil em seu feudo. Recordou-se de um dia em que os agricultores estavam muito cansados e desanimados, e ainda havia muitas sementes para serem plantadas. Nesse dia Laci transformou-se numa espécie de boi gigante e com uma capacidade incrível de motivar as pessoas disse:

- Precisu da ajuda de vocês, visse. Esse alimento é importanti não apenas pro rei, mas pra suas família também. Sei que cês tão cansados, mas vamuterminá de lançá todas essas semente aqui. Depois sim, a gente tem nosso merecido descanso.

Imediatamente após as palavras, Laci começou a correr com muita intensidade, arando a terra e abrindo os espaços para lançarem as sementes. Os trabalhadores ao verem Laci se esforçando ao máximo, e ainda cantarolando e sorrindo enquanto trabalhava, começaram a se

animar e, em pouco tempo, estavam todos trabalhando de tal maneira que levaram metade do tempo para fazer aquela tarefa.

O capitão concordou que Laci podia ser mais importante ao reino estando livre do que presa no castelo, agindo apenas do modo que o rei quisesse. Will conseguiu convencer o capitão de seus ideais, e este o liberou para seguir em sua viagem e ainda concedeu ao jovem mantimentos, sapatos e roupas para prosseguir. Nosso viajante percorreu por todo o feudo de Praialinda, viu uma terra com muitas belezas, um povo que, apesar de sofrido, era muito trabalhador e dedicado. Alguns moradores da região ao saberem da história de Will decidiram apoiar o jovem, seja com bolos ou alguma guloseima, seja com palavras positivas. Deixando os limites do feudo do nordeste, Will se sentiu revigorado para prosseguir, uma etapa de sua viagem foi concluída com sucesso, agora faltava menos para chegar ao seu objetivo.

O próximo destino de sua viagem era o feudo de Cerradobranco, temia que lá as pessoas não fossem tão receptivas quanto na província de Praialinda. Seu medo se tornou realidade quando nem sequer permitiram que ele entrasse pelo portão do feudo, os guardas acharam sua história tão absurda que não deixaram que Will contasse com mais detalhes os seus planos. Já era noite, Will não sabia o que fazer, para sua sorte tinha muitos mantimentos e água, presentes do povo do nordeste, mas o jovem precisava conseguir alguma solução para prosseguir em sua viagem, sabia que insistir pelo portão principal seria inútil. Então se afastou do portão e resolveu acender uma fogueira para iluminar o breu em que estava, aproveitou para passar ao fogo alguns cozidos que ganhou de presente e também para pensar numa forma alternativa de prosseguir. Nesse momento, um miserável que vivia pelas ruas daquela província se aproximou pedindo algo para comer. Will, de forma solidária, concedeu um pouco de sua comida ao pedinte e, enquanto comiam, fez algumas perguntas:

- O que você faz por aqui nessa parte tão isolada da província? A propósito meu nome é Will.

- Um miserávi como eu não tem ondi caí mortu. Simplesmente, fico onde dá. Cada dia é um dia, sempre procurano uma forma de sobrevivê. Me chamo Índio - respondeu o mendigo.

- Mas e você, Will, o que faz por essas banda? - perguntou interessado pela história do jovem viajante.

- Sou um viajante que tenta chegar ao castelo para ter uma audiência com o Rei sobre o confinamento de Laci apenas aos aposentos reais. Mas neste momento estou de mãos, na verdade pernas, atadas porque não pude seguir minha viagem pela estrada principal que corta todas as províncias e termina no castelo real. Os guardas daqui nem quiseram me ouvir direito, mandaram que eu sumisse da frente deles, e agora eu não tenho ideia de como prosseguir minha viagem.

- Laci? Eu conheço esse bicho! Nossa como ela faz falta em nosso feudo, sua visita era sempre seguida de muita festa. Primeiro ela ajudava a gente em nossas tarefas cuidando dos boi, só que depois todo o feudo se reunia lá no centro da província e festejava por horas, ela era muito alegre e querida, sempre dançava e fazia a gente rir com suas formas engraçadas. Acredita que ela se transformava num bicho com bico de pato, pelo igual de cachorro e patas parecida com nadadora e ficava fazendo uma dancinha hilária? Que raio de bicho era esse!? Ela deve ter feito isso só pra gente rir. - disse o pobre miserável, lembrando-se dos bons tempos.

- O povo daqui parece bem diferente agora, porque pelas suas histórias eles eram muito alegres e festivos, mas agora são ranzinhas e fechados. E a propósito esse animal existe sim, segundo um velho amigo meu, é uma raça rara que vive numa terra bem distante da nossa. - disse Will.

-Sim, meu povo mudou muito. Desde que Lacideixô apareceu, as festas pararam. Nossa produção caiu muito, nossos gados já não eram mais tão bunitos. O rei diminuiu nossos pagamentos, e aí... causa disso, muitos perderam o seu ganha-pão, como eu. - explicou Índio.

-Sinto muito - respondeu Will, compadecendo-se daquela situação. - Espero poder mudar essa história.

- Você é um cara legal, Will. É o primeiro forasteiro que conversa comigo e não diz que eu falo engraçado, ou diz que falo igual a um matuto, geralmente os pessoais de fora caçoam da forma que a gente falamos aqui em nossa província. Acho que eu posso te ajudar. Conheço bem essa região, sei por onde você pode chegar à estrada real novamente. Mas já adianta que é um caminho um pouco arriscado. - disse Índio.

Will nesse momento voltou seus olhos com muita atenção para Índio, pouco se importava com o grau de perigo desse percurso, apenas queria retornar à sua viagem. Começando a explicar, o mendigo disse que o caminho passava por dentro da floresta, local que costumava ter lobos do mato, e seguia subindo por um penhasco, numa pequena

passagem por onde mal passavam duas pessoas uma ao lado da outra. Imagine fazer esse caminho em cima de um cavalo? Will realmente apagou para os perigos do percurso, a única coisa que tinha em mente eram os argumentos que pretendia apresentar ao rei em sua audiência. Índio acompanhou o jovem até um certo ponto da floresta, indicou a direção que deveria seguir até chegar à subida pelos penhascos, ao terminar a subida estaria de volta à estrada principal de sua viagem. Os dois se despediram, Will muito agradecido ofereceu mais alguns mantimentos a Índio e disse que fará de tudo para mudar a situação de seu feudo.

Seguindo seu caminho, Will partiu pela trilha indicada por Índio. Mesmo convicto, estava muito apreensivo, afinal lembrou-se de que quase foi atacado por um lobo do mato na infância e esperava muito ansiosamente que não encontrasse novamente um lobo naquele momento. Quando já avistava o penhasco que precisaria subir, pensando que o pior já tinha passado, um barulho estranho foi percebido pelo jovem e por seu cavalo que parou de imediato.

- Eih, pé de pano! Vamos! Não me deixe na mão! - exclamou o jovem assustado.

A tensão estava no ar, Will olhava para todos os lados em busca de encontrar o motivo do barulho, de repente três lobos do mato, com suas expressões enfurecidas que causam pânico em qualquer um, apareceram próximos a Will. O jovem, num rápido reflexo, jogou um pedaço de carne para distrair os lobos e partiu em velocidade em direção à subida do penhasco. Os lobos se distraíram um pouco com a carne lançada, mas logo foram atrás do jovem e seu cavalo.

- Vamos, Pé de pano! Vamos! - gritava Will a todo o momento.

Os dois começaram a subir o penhasco, os lobos estavam cada vez mais próximos. O caminho ia ficando ainda mais estreito e perigoso à medida que subiam, pouco havia o que fazer. Pé de pano parou novamente, sentiu medo de seguir pelo caminho quase intransitável. Will sem tempo de pensar desceu do cavalo, pegou sua lanterna a óleo e lançou na direção dos lobos que estavam já muito perto. Quando a lanterna se chocou ao chão, com o impacto, ela pegou fogo que logo se alastrou pela vegetação seca ao entorno das rochas, o que assustou os lobos, levando um deles a cair do penhasco, os outros dois tentaram ainda contornar o fogo, mas não tiveram sucesso, deixando Will e Pé de pano livres da perseguição. No calor da emoção Will e seu companheiro subiram mais da metade do caminho estreito e perigoso à beira do precipício, naquela altura dava para ver a floresta bem lá embaixo, o que fez o jovem

sentir um imenso frio em sua barriga, mesmo assim, com muita cautela e atenção continuaram a trilha montanhosa. Depois de muito esforço e já fatigados, principalmente por causa da perseguição dos lobos, chegaram ao topo da trilha que dava na estrada, nesse momento pararam um pouco para descansar e beber água.

Já recuperados, retornaram para a jornada, ainda havia o feudo de Errejota antes do castelo real, Will se perguntava como seria sua recepção naquele lugar, já que nos feudos anteriores foram duas recepções totalmente opostas. Para sua surpresa, passou pela entrada do feudo sem nenhuma restrição ou interrogatório.

- Bom demais pra ser verdade - disse Will ao passar pelos guardas que não pareciam muito atentos nas suas atribuições.

Atravessando o vilarejo, o jovem percebeu que a província, outrora rica e muito bem cuidada, estava largada e um tanto deserta, poucas pessoas circulavam pela rua. Começou a suspeitar de algo de errado, mas ainda não sabia o que era, quando do nada um grupo de bárbaros o cercou. O líder do bando falou a Will:

- O que tu qué aqui, cara? Não sabe que essa terra agora é nossa? Paga teu pedágio e some daqui.

Will ficou assustado, não estava entendendo muito bem a situação. Para sua infelicidade, seu pedágio seria deixar todos os seus pertences ali, sob o risco de sofrer alguma agressão ou algo pior. Nesse momento o jovem entendeu que aquele lugar estava fora de controle, já tinha ouvido falar que um grupo de bárbaros tinha tentado invadir uma província do reino de Iberia e que Laci havia ajudado a população a colocá-los para fugir. Pelo visto com o confinamento de Laci os bárbaros voltaram e conseguiram o que queriam, os poucos guardas reais que havia na região fingiam que nada viam. O emissário real recebia o tributo que os bárbaros roubavam de trabalhadores de várias regiões e levavam para o castelo, com isso esses homens perversos continuavam no controle da província de Errejota sem serem incomodados. Após pensar no que fazer, Will percebeu que uma fuga seria ineficaz e que o combate estava fora de cogitação, não tinha o que fazer senão entregar seus pertences àquele grupo de trogloditas.

- Tudo bem. Tomem tudo o que tenho. Mas cuidado, entre os meus pertences está um presente que iria entregar para Laci na cerimônia. - disse o jovem pensando em algo para escapar daquela situação

- O dragão? Que cerimônia? Achei que esse bicho tinha desaparecido! - perguntou um dos bárbaros que ficou assustado ao ouvir o nome de Laci, ele conhecia o seu poder, estava no grupo de invasores que foi expulso por ela na última vez.

- Vocês não sabem? - perguntou Will testando a inteligência daquele grupo.

- Agente não recebemos notícia nenhuma do reino - disse um dos bárbaros que levou uma cotovelada do líder na mesma hora.

- Então, em alguns dias será a cerimônia de nomeação de Laci como defensora real. Eu sou um convidado de honra dela. Sua Majestade, o rei, colocou o poderoso dragão como chefe da guarda real e ela após a cerimônia percorrerá todo o reino buscando resolver qualquer questão de perigo à coroa. - disse Will, temendo que sua estratégia não desse certo.

- Chefe, deu ruim. Acho que agora a gente vamos estôpobrema. - disse um dos bárbaros ao líder.

- Cala a boca, idiota! Essa cidade é minha e não tem ninguém que vai tirar ela de mim. - disse o líder com um tom nervoso.

- Ninguém!?! Esse bicho não é ninguém. Tu nem conhece ela. Eu tava no otro grupo que tentôinvadi aqui e foi arrasado pelo dragão. Se esse bicho voltá, vamu ter problema sim. - um bárbaro mais velho retrucou.

- Como é que é!?! Está me desafiando? - disse o líder já exaltado.

Em pouco tempo uma grande confusão começou entre os bárbaros, que se agrediam e discutiam sobre o possível retorno do temido dragão. Will percebendo que os bárbaros estavam mais preocupados em brigar e discutir do que saqueá-lo, resolveu se afastar de forma discreta. Sutilmente foi tocando em Pé de pano com os calcanhares, e o cavalo lentamente foi se afastando, afastando... Quando tomou uma certa distância, Will acionou o cavalo de uma forma que ele correu mais rápido do que quando estavam fugindo dos lobos na floresta. Conseguiu sumir das vistas daquele grupo de bárbaros, que ainda estava brigando e discutindo entre si, seu receio agora era de encontrar mais pessoas assim. Procurou manter o ritmo acelerado com cavalo para sair daquela região o quanto antes, depois de um bom tempo correndo, pararam para descansar e se alimentar, para sorte dos dois não perderam nada, contudo o estoque de mantimentos feitos em Praialinda estava acabando, precisavam se reabastecer para conseguirem chegar ao castelo.

Nesse momento, um rapaz não muito mais velho que Will se aproximou dele, não tinha aparência de bárbaro, mesmo assim sua aproximação causou uma certa tensão ao jovem que disse:

- O que você quer? – perguntou Will já esperando o pior.

- Acalme-se, me chamo Zog. Não sou um bárbaro e nem quero saqueá-lo. Vejo que você e seu amigo aí estão muito assustados e parecem cansados.

- Sim, estamos. Foi um milagre a gente ter escapado daquele grupo de bárbaros – disse Will um pouco mais aliviado.

- Nossa, nunca vi nenhum forasteiro conseguir escapar deles, vocês são habilidosos ou muito sortudos.

Após esse diálogo inicial, Zog ofereceu sua casa para que Will e Pé de Pano pudessem descansar e se acalmar um pouco, ele sabia que os bárbaros eram terríveis e sempre aterrorizavam todos os que passavam pela província. Will aceitou a oferta e foi para a casa do rapaz, lá se alimentou e descansou. Na manhã seguinte Will acordou sentindo-se revigorado, muito agradecido contou toda a sua história a Zog, falando até mesmo de seu mestre, o velho Uriel.

- Uriel, o velho mago? – perguntou Zog com uma cara de surpresa.

- Sim, esse mesmo. – respondeu Will.

- Conheço esse mago. Não só conheço como ele também foi meu mestre nos momentos que estive em minha província. Me ensinou muitas coisas, inclusive sobre Laci, por isso quando vi você fugindo com seu cavalo, e ouvi você falando alguma coisa sobre Laci resolvi me aproximar. Também sou totalmente contra esse decreto e quero poder fazer algo pela langue. – disse Zog.

Os dois jovens ainda conversaram um bom tempo sobre Laci, Uriel e seus ideais que aliás eram muito parecidos, depois então Will resolveu retomar sua viagem. Procurando uma maneira de ajudar, Zog acompanhou Will por toda a província de Errejota, indicando caminhos mais seguros e foram assim até o limite do feudo. Chegando lá os dois se despediram e Will prosseguiu em sua jornada, a ajuda de Zog foi muito importante para o jovem que ficou muito apreensivo após a situação com os bárbaros.

A viagem de ida estava próxima de seu fim, apenas mais alguns dias e Will estaria diante do poderoso rei, tudo o que passou durante todo tempo de viagem, que levou muito tempo para chegar nesse ponto, serviu para que o jovem refletisse muito sobre as condições dos outros feudos, sobre cada situação e experiência vividas, e teve total certeza de que a imposição do rei trouxe muitos problemas para todo o reino, principalmente para o povo.

Will e seu fiel escudeiro se aproximavam do seu destino, mais uma vez tinha medo de como seria recebido. Ao chegar à entrada da província do sul, sede do castelo real e de toda realeza, foi saudado de uma forma muito inesperada.

- Então, finalmente chegaram o jovem aventureiro e seu fiel cavalo. Seus feitos já são discutidos em todo lugar. - disse um dos guardas.

- Como assim!? - perguntou Will sem nada entender.

A reputação de Will chegou antes dele à capital do reino, os relatos de sua viagem desde a saída de Matabrava até a passagem pelas províncias de Praialinda, Cerradobranco, e Errejota, bem como as aventuras com lobos, penhascos e bárbaros já estavam circulando até mesmo pela nobreza, nunca foi visto algo parecido antes. Will era aguardado, um dos nobres que entendia os seus propósitos e concordava que Laci livre poderia ser mais útil ao reino resolveu já marcar uma audiência com rei para o rapaz. Após ser recebido pelos guardas reais, nosso herói foi acompanhado por um dos servos do rei para tomar um banho e colocar roupas à altura do encontro com Sua Majestade. Will mal podia acreditar no que estava acontecendo, nem em suas melhores expectativas imaginou uma recepção tão cordial e agradável, e o mais importante, ele teria uma audiência com rei, para o jovem tudo já tinha valido a pena.

- Meu bom rapaz, estou encarregado de conduzi-lo pelos aposentos reais e prepará-lo para a audiência com sua Majestade, o elevadíssimo Rei Formallis II. – disse o servo.

Will percebeu que forma de falar do servo e das demais pessoas ali no castelo era diferente, todos tinham que falar e se portar como o rei, principalmente os nobres. Para eles, essa era forma mais e elegante e refinada de falar, mas para Will parecia algo forçado. Após essa breve reflexão, o jovem respondeu:

- Muito obrigado, realmente estou muito cansado e preciso colocar roupas limpas. – disse Will.

Após esse contato inicial, Will foi acompanhado pelo servo do rei até o castelo real, de imediato foi levado a um aposento onde pôde se banhar e colocar roupas novas que já estavam no local do banho, depois o jovem viajante descansou um pouco, mas como estava ansioso queria falar logo com o rei, porém foi informado pelo servo que sua audiência seria apenas na manhã seguinte. Para passar o tempo, o servo real acompanhou Will pelas dependências reais, mostrando toda a beleza daquele castelo. O jovem ficou totalmente encantado, nunca tinha visto uma construção tão grande e bela, estava acostumado a casas simples e desajeitadas. Quando chegou ao salão real, viu uma sala tão grande que cabiam quase todas as casas de sua aldeia ali dentro, fora todo luxo daquele lugar, com lustres de cristal enormes sobre a sua cabeça, quadros lindos de grandes pintores da época, louças e objetos de várias partes do mundo, tudo ali era muito valioso, Will nem sabia para onde olhar, era tanta beleza espalhada.

Seguindo pelo salão real, o jovem viu pendurados em uma parede diversos decretos expedidos pelo rei, e viu como a escrita daqueles textos era diferente dos que ele tinha contato, o jovem quase não conseguia ler o que continham os decretos, isso fez com Will temesse em falar com o rei, afinal só alguém muito inteligente poderia escrever daquela forma. Depois de passar pelo salão real, visitaram ainda alguns outros aposentos reais também cheios de beleza e luxo, viram também a sala do trono, lugar onde teria a audiência com o rei e terminaram no topo da torre mais alta do castelo, lá Will pôde contemplar não só as belezas do castelo, mas também as belezas de Iberia, era uma vista muito privilegiada. O jovem ficou muito satisfeito com o passeio feito, depois ainda fez uma bela refeição e seguiu para onde passaria a noite. Ao se deitar Will procurava mentalizar tudo que falaria para o soberano. Apesar da grande insegurança que sentia, o jovem sabia que precisava se manter firme para que o rei o ouvisse e principalmente o atendesse. Na manhã seguinte Will se levantou cedo, estava já pronto para o encontro, aguardando ansiosamente que o levassem ao encontro do rei.

Para algumas pessoas não importava se Laci estaria livre ou confinada ao castelo real, não importava a relação dela com os demais povoados e feudos, o importante era ela estar sempre bem cuidada e disponível para o rei dentro de suas dependências, agindo sempre da melhor forma possível, e não realizando aventuras e peripécias, muito menos sendo motivo de chacota para o povo. Para o rei e os nobres, quando Laci se transformava em vários seres diferentes para festejar e alegrar o povo, ela estava se tornando um motivo de chacota, estava se rebaixando num nível inaceitável pela nobreza.

Chegou o grande momento, Will não parava de repensar em tudo que falaria para o rei. Seu discurso já estava pronto praticamente desde a saída de seu povoado, porém já próximo da sala do trono onde seria recebido pelo rei, começou a se lembrar de sua viagem e de como cada feudo estava, percebeu que o confinamento de Laci ao castelo real trouxe muitas consequências ruins não só para o povo como também para o próprio rei, e este pelo visto não enxergava isso. Will pensou tanto nessas questões que quando se deu conta já estava diante de sua Majestade o grandíssimo rei Formalis II. Sua reação inicial foi ficar estático e em silêncio, reação parecida que teve ao quase ser atacado pelo lobo do mato em sua infância, porém ao ver Laci sobre o ombro do rei transformada num papagaio, rapidamente voltou a si. Após ser anunciado, teve início o diálogo mais difícil da sua vida, pois precisava fazer o rei rever um decreto-real.

- Diga-me, meu jovem, o que te traz a esta audiência? - perguntou o rei, com sua voz forte e de certo modo assustadora.

- Majestade, venho, diante de vossa importante presença, relatar minhas histórias vividas durante a jornada de meu feudo, Matabrava, até aqui em vosso belíssimo castelo. - disse Will.

- Espero que sejas breve, porquanto há muitos compromissos reais a serem tratados hoje, cujo adiamento é impraticável. - disse o rei não muito interessado.

- Pois bem, Majestade. Quando resolvi deixar meu lar, que fica muito distante daqui, para falar com vossa majestade, não imaginava que, ao atravessar o reino, fosse me deparar com tantas situações como as que vi. Em meu feudo, por exemplo, uma tristeza muito grande tomou conta da população desde que soubemos que Laci nunca mais nos visitaria. Isso impactou tanto as pessoas que afetou inclusive nossos trabalhos, como a produção de armas e outros itens oriundos do ferro que caiu muito. Em Praialinda não foi diferente, Laci sempre aparecia e ajudava o povo em seus trabalhos na plantação, depois ainda conseguia motivar as pessoas a festejar, os trabalhos fluíam muito bem, todos trabalhavam com muito esmero, mas agora já não festejam mais e a produção caiu muito, já falta alimento em alguns lugares mais afastados, como em minha região. Na província de Cerradobranco a produção caiu tanto que muitos dos trabalhadores perderam seu sustento e hoje vivem mendigando pelas ruas. O feudo antes tão festivo e receptivo agora é totalmente fechado e triste, nem sequer me deixaram passar por ele para chegar aqui, tive que me aventurar pela floresta, onde eu e meu querido cavalo quase fomos atacados por lobos famintos, além de subir uma trilha muito arriscada

beirando um penhasco. Mas o mais triste que vi, Majestade, foi o feudo de Errejota totalmente abandonado e entregue nas mãos de bárbaros que exploram e tiram tudo que o povo tem. As ruas estão desertas e o medo tomou conta daquele lugar, por muito pouco não fui saqueado ali.

- Basta! Como te atreves a dizer que bárbaros conduzem parte do meu reino? - indagou o rei um pouco irritado.

- Com todo o respeito, ó poderoso rei, eu vi isso. Algumas pessoas da região me disseram que os bárbaros com o dinheiro que roubam do povo de Errejota e de outros lugares pagam os impostos ao emissário real que finge não ver nada de diferente naquela região, e os guardas fazem a mesma coisa.

- É, deveras, uma acusação muito pesada, tu podes sair daqui direto para a masmorra. - disse o rei já querendo determinar a prisão de Will.

- Não me importo em ser preso, e mesmo que tudo que eu esteja fazendo aqui não gere nenhuma mudança, eu precisava tentar. E concluindo minha história... Todas essas coisas ruins aconteceram ao reino desde quando Laci foi proibida de circular pelos povoados. O decreto-real, Majestade, está trazendo muitas consequências ruins. O senhor pode verificar todas essas informações que estou trazendo, o povo está sofrendo e com isso a coroa também sofre. Tenho certeza que a receita do reino, dinheiro dos impostos e demais fontes de renda para a coroa, diminui grandemente, além das invasões ocorridas em trechos do reino. Se vossa majestade me permite, Laci solta é muito mais produtiva ao reino do que confinada aqui em vosso palácio. - disse Will esperando ser preso a qualquer momento.

Nesse momento, Laci se voltou para o rei e concordou com tudo que o jovem disse, o soberano já muito irritado e também pensativo com todas as notícias trazidas por Will determinou que o jovem fosse preso, o que aconteceu de imediato. Os guardas acorrentaram o jovem e o levaram para o calabouço. Nesse mesmo dia o rei enviou homens de sua confiança para verificar todas as informações trazidas por Will, e enquanto aguardava os resultados, o rei conversou com Laci sobre tudo que estava acontecendo.

- Laci, tu concordas com esse atrevido jovem? - perguntou o rei.

- Sim, Majestade. - respondeu Laci sem pensar duas vezes e ainda acrescentou:

- Mantive-me aqui subserviente ao senhor pensando que seria melhor para o povo, mas ao saber dessas notícias, constatei que cometi um grave erro. Majestade, eu gosto de todas as pessoas e procuro ajudá-las, para mim não importa sua classe social, se são ricos ou pobres, nobres ou plebeus, todos têm o direito de serem felizes e estarem bem. Eu sei que o senhor está pensando no bem do reino e até se preocupa comigo, mas nesse caso vossa decisão está trazendo consequências não desejáveis a todos. Veja que o reino já começa perder parte dos seus lucros, há invasões, pessoas passando fome e outros problemas.

- Mas, Laci, isso é um ultraje. Tu não podes rebaixar-te e ficar no meio da plebe, realizando apresentações ridículas e falando à maneiradeles. - disse o rei.

- Para eles, Majestade, isso não tem nada de ridículo, muito menos um sinal de rebaixamento, pelo contrário, sentem-se valorizados e dignos. - respondeu Laci.

Após algum tempo, os homens enviados pelo rei retornaram ao castelo, e para a surpresa do rei, todas as informações de Will eram verdadeiras. Nesse momento o rei se viu numa situação difícil, mas soube que precisava fazer algo. O soberano, então, determinou que soltassem Will e trouxessem-no à sua presença imediatamente. Will novamente foi colocado diante do rei e dessa vez o rei começou a falar:

- Rapaz, ninguém teve coragem de questionar qualquer decisão minha até hoje, entretanto, tu me apareces aqui, e, além de questionar-me, dizes que minha decisão está sendo prejudicial ao meu próprio reino. Saiba o seguinte, não revogarei meu decreto, Laci continua sendo objeto da coroa. Diga-me o que pensas sobre isso?

- Grande rei, sei que vossas decisões visam ao bem da coroa sempre, mas nesse caso, as consequências ruins podem chegar até aqui no castelo. Imaginai quando os demais reinos souberem que nosso comércio enfraqueceu e que invasões já ocorrem em nossas terras, nossa reputação ficará manchada. Não peço, ó rei, que revogueis vosso decreto-real, mas apenas que reconsideréis algumas imposições. Laci, assim como tudo que há neste reino, pertence ao senhor, porém com ela livre, o reino é mais forte, próspero e feliz. - disse o jovem.

- Como permiterei que Laci, uma criatura tão esplêndida, transforme-se em seres ridículos, ande com o povo e porte-se de maneira não condizente aos modos reais? Isso irá deturpar sua integridade, ela precisa ser controlada. - disse o rei.

- Majestade, Laci não precisa de controle e jamais perderá sua integridade se conviver com o povo, pelo contrário sua essência está em conviver com todos, independentemente de quem seja. Posso assegurar que jamais Laci se voltará contra o senhor ou contra qualquer um deste reino, pois ela é a primeira a querer o bem-estar de todos. - disse Will.

- Não quero que o comportamento de Laci seja incompatível com o que se espera de um nobre, falando como a plebe, principalmente aqui em meu castelo. Só de pensar nela falando “prebeus” sinto calafrios - disse o rei, ainda inflexível.

- Ela sabe se comportar em qualquer ambiente, majestade. Tenho certeza que ela nunca falará “prebeus” diante do senhor ou em qualquer lugar deste castelo. Do mesmo modo que diante do povo ela não falará da mesma forma que fala com o senhor. Ela sabe variar e mudar adequadamente suas formas de ser e falar em qualquer situação, o senhor não precisa se preocupar. Pense no bem todos, considere que seu reino será muito melhor em todas as esferas, política, econômica, estrutural...

- Pois bem, rapaz, o que tu sugeres que seja feito? - disse o rei.

Will não acreditou no que ouviu, será mesmo que o rei iria ouvi-lo? Será que ele conseguiu alcançar seu objetivo? Esses pensamentos invadiam a cabeça do jovem que estufou seu peito e disse:

- Majestade, apenas permita que Laci volte a circular pelo reino livremente, todos ficarão felizes, as pessoas trabalharão com mais vigor e afinco, tenho certezas que todas as produções voltarão a crescer, além disso, Laci nunca permitirá que qualquer invasor maltrate o povo, muito menos que qualquer coisa ruim aconteça ao senhor. Basta apenas permitir que Laci circule e aja livremente, grande rei.

- Posso até permitir que Laci volte a circular pelo reino, mas nunca vou permitir em meu castelo que ela assuma forma indignas ou que fale de maneira vulgar. - disse o rei.

- Perfeito, Majestade. O senhor se quiser pode enviar emissários aos feudos do reino com o objetivo de ensinar a arte de ler e escrever ao povo, assim eles conseguirão entender todos os decretos que são lidos em praça pública, bem como saber as formas reais que Laci assume e fala quando está diante do rei - disse Will ainda não acreditando no que estava acontecendo.

- Pois bem, meu jovem, sua sugestão é de meu agrado. Prefiro o povo falando como eu falo a ver Laci agindo de maneira inapropriada. Disse o rei gostando da ideia de Will.

Enquanto ainda conversavam o rei determinou, embora ainda não gostasse muito da ideia mas pensasse no bem do reino, que fizessem a seguinte alteração no decreto real:

*O grandioso rei Formalis II, no exercício de suas prerrogativas e atribuições reais, estabelece imperiosamente que a langue Laci, a partir desta data, torna-se partícipe excepcional da realeza, sendo **permitida** sua transição para além dos termos limítrofes do castelo real. Todas as formas assumidas por esse ser ímpar, bem como suas habilidades devem ser apenas para o bem do seu soberano e dos assuntos reais. Destarte, assumir formas e comportamentos indignos **na presença do rei** passa a ser totalmente intolerável, inadmissível e inescusável, qualquer um que ultrajar os desígnios do elevadíssimo rei sujeitar-se-á a severas ações punitivas.*

Sua Majestade real, Formalis II, o grandioso.

Foi um dia histórico, Will conseguiu alcançar seu grande objetivo, estava tão radiante que parecia estar flutuando, já pensava em seu retorno para casa, em contar suas aventuras para Uriel e sua família, enfim, estava satisfeito com seus feitos, mas não seria tão fácil assim. Nosso herói e Laci ainda teriam que passar por um último e perigoso teste para que a alteração do decreto entrasse em vigor.

- Estou disposto a fazer a seguinte alteração no decreto-real, porém para que isso aconteça, Tu e Laci deverão juntos restaurar a ordem no feudo de Errejota, expulsando todos os invasores do local. Quero ver realmente se a liberdade dela é produtiva ao reino e principalmente se após o sucesso de sua missão, Laci continuará íntegra e agindo de maneira adequada em meu castelo. Se algo de errado acontecer como Laci se ferir, ou chegar ao meu castelo com condutas inapropriadas, o decreto será mantido em sua forma original e tu serás encarcerado novamente. - disse o rei temendo que após uma situação dessa, Laci perdesse os bons costumes e condutas ou fosse ferida.

Will se assustou com a imposição do rei, nunca antes esteve em uma batalha, era apenas o filho do ferreiro que sabia argumentar. Mas convicto de seus objetivos, esperando que todo o tempo que passou manuseando as espadas que seu pai produzia o ajudasse naquele momento e acima de tudo confiando no poder Laci, Will e sua companheira partiram para essa importante missão. Além de Will e Laci, um esquadrão dos cavaleiros reais foi enviado

para controlar a situação em Errejota, porém estavam às ordens do jovem e da langue. O rei estava testando ao máximo os dois nessa situação.

Ao chegarem a Errejota, Laci já assumiu a forma de uma águia, sobrevoou toda a região para levantar a quantidade de invasores bem como o local em que estavam, já Will juntamente com o esquadrão se dirigiu para o local onde antes quase foi saqueado, esperando encontrar aquele mesmo bando. Laci terminou seu reconhecimento e encontrou Will e o esquadrão no local marcado, para a surpresa deles o bando de bárbaros havia se reforçado, provavelmente depois da história de Will sobre Laci ser nomeada defensora real, o esquadrão deveria equivaler a um terço do número de bárbaros. Will não se intimidou, pediu a Laci que conseguisse mais reforços dentro do feudo mesmo que seria mais rápido, enquanto isso se dirigiu ao líder dos bárbaros para tentar conseguir tempo.

- Eu disse que vocês teriam problemas, Laci agora é a defensora real e estamos aqui expulsá-los de nossas terras. - disse Will.

- Eu me lembro de você. Tu é aquele cara que disse que o dragão ia vim atrás da gente, mas não estou vendo dragão nenhum e você e seus homens não suficientes contra nós. Homens! vamos dar um jeito nesses mentirosos aqui. – Disse o líder dos bárbaros já se preparando para o ataque.

Will se adiantou para o combate, estava trajado com a armadura real e portando escudo e espada. Iniciou o combate, Will e os cavaleiros em número bem menor buscavam segurar a luta até que Laci chegasse com os reforços, enquanto isso os bárbaros partiram com força total. Era uma luta injusta, parecia que ia ser um massacre, Laci ainda estava pelo feudo pedindo a ajuda de todos. Em cada região da província ela aparecia de uma forma diferente. Para falar com os homens que tinham mais instrução e condições financeiras que viviam bem próximo ao porto, Laci chegava na forma de um grande urso e dizia:

- Senhores, preciso muito de sua ajuda para expulsarmos os bárbaros daqui. Eles estão em número maior que nossas tropas, mas sei que se todos ajudarem, seremos muito mais fortes que eles. A luta já está ocorrendo no centro da província, conto com todos.

Já quando o público eram os homens mais pobres, em aldeias um pouco mais afastadas, Laci aparecia na forma de um gavião, até para ser mais rápida e dizia:

- Pessoal, a ajuda de vocês nunca foi tão importante como agora. Vamos acabar de uma vez com esses bárbaros que tanto fazem mal ao nosso feudo! Eles por enquanto estão em maior número, mas sei que se toda a província se unir, eles não terão chances. Precisamos ser rápidos, pois a luta já começou no centro da província.

E assim a langue foi percorrendo toda a província, da forma mais rápida que podia. As pessoas ao verem Laci livre, começaram a sentir esperança de novo, e rapidamente pegaram o que tinham para lutar e foram ao encontro de Will e os cavaleiros. Nosso herói lutava bravamente, mas temia que Laci chegasse tarde mais, contudo quando a luta já parecia perdida, uma grande sombra passou no meio da batalha, chamando a atenção de todos, de repente bem no meio campo de batalha Laci pousou na forma de um gigante dragão. Os bárbaros se assustaram inicialmente, mas mesmo assim ainda acreditavam em sua vantagem numérica e estavam indo em direção à langue que naquele momento deu um ensurdecedor mugido que paralisou os bárbaros por alguns instantes, e cercando os bárbaros por todos os lados surgiu praticamente toda a população de Errejota com tochas, lanças, machados e vários outros itens que pudessem ser utilizados como armas.

A vantagem numérica estava agora ao lado de nossos heróis, Laci organizou todo o povo para lutar, dividiu-os em grupos e áreas de ação distintos. Ao som de outro mugido de Laci, todos partiram para o combate. A langue apenas com o golpe de sua cauda lançava dezenas de bárbaros a metros de distância, Will também com sua habilidade ia derrubando vários inimigos, a vitória estava próxima. Já sem mais o que fazer o líder dos bárbaros se rendeu, resultando na rendição de todos os outros. Houve uma grande comemoração no local, todos os moradores do feudo Errejota não pareciam acreditar no que estavam vendo, Laci estava de volta, os bárbaros capturados e a província festejando novamente. Celebraram por toda a noite, com músicas e muita festa, Laci não se continha, assumia todas as formas possíveis para festejar.

No outro dia retornaram ao castelo, precisavam dar a notícia ao soberano. Quando Will e Laci entraram na sala do trono, o grande rei já os aguardava.

- Vejo que trazem boas novas. - disse o rei num tom satisfeito.

Nesse instante, da maneira mais polida e formal possível, Laci numa forma compatível à presença do rei, se apresentou e saudou o soberano que viu que, mesmo em contato com o povo e em situação de grande estresse e adrenalina, Laci não perdeu sua integridade e bons

modos. Will fez todo o relato do ocorrido bem como o balanço positivo da ação promovida no feudo de Errejota. O rei cumprindo sua palavra determinou que fosse feita alteração no decreto-real, embora ainda se preocupasse com os modos de Laci e não permitindo que ela agisse de forma “indigna” em sua presença. Pensando nos modos de Laci, aceitou o conselho de Will e enviou emissários que ensinassem a arte de ler e escrever a todo o povo bem como os modos “corretos” que Laci deveria assumir nas visitas que fazia nas províncias, foram criados locais específicos nos feudos para a realização dessa atividade. Embora o povo se esforçasse para aprender a forma como o rei e os nobres falavam e interagiam com Laci, nunca fariada mesma forma que eles. O rei a cada situação que via Laci agindo e falando de maneira “inapropriada” fora do reino tinha verdadeiros espasmos em seu abdômen, ou seja, se contorcia todo. Mas apesar de tudo isso, Laci voltou a circular pelo povo, a assumir as formas mais variadas possíveis e a fazer todos felizes com sua agradável companhia.

O jovem Will, por todos os seus atos de coragem e bravura e suas contribuições para o bem do reino, recebeu o título de Lorde de Ruther em reconhecimento por seus feitos, depois retornou para seu lar, sua família, seu mestre e amigo Uriel, para sua terra, contando a todos suas aventuras. O rei continuava inflexível quanto à conduta de Laci no castelo, mas alguns nobres gostavam quando a langue agia com eles de forma parecida ao modo de agir com o povo, com formas de falar e ser consideradas “indignas”, mas o rei não podia saber disso de maneira nenhuma. Laci voltou a sua rotina natural, estava sempre circulando pelas regiões de Iberia, como também frequentava os ambientes reais, assim deixava todos felizes, seja o rei, sejam os nobres, ricos, pobres, enfim todos, sem qualquer tipo de distinção ou preconceito.

Embora o povo estivesse sendo ensinado nas maneiras e condutas certas de falar e agir com Laci, era muito difícil vê-los agindo conforme os ensinamentos, afinal eram muitas regras e ninguém conseguia aplicar todas elas em todas as situações. Até na realeza, sem o rei saber é claro, alguns nobres não seguiam todas as regras, mas enfim, a alteração no texto do decreto-real trouxe muitas mudanças para reino, porém nem todos ficaram alegres, muitos nobres não aprovavam as alterações feitas no decreto-real, detestavam ver Laci assumindo formas inapropriadas, ou falando como algum aldeão, por sua vez a plebe via essa atitude do rei como um ato de aproximação, outros já até imaginavam o rei falando como eles, porém isso era quase um delírio. A grande questão era que este decreto e as alterações feitas nele posteriormente provocaram muitas reações sobre o assunto, grande parte da nobreza queria ver Laci confinada no castelo, já alguns nobres entendiam a importância de Laci se relacionar com todo o reino. No meio do povo também havia discussões sobre o assunto, porém a grande

maioria concordava com a liberdade de Laci. Um grande passo foi dado, Laci estava livre novamente, porém isso não acabou totalmente com os conflitos entre nobres e plebeus sobre essa situação, muita coisa ainda precisa ser feita para que um dia todos entrem em acordo e vivam sem esse conflito tão indesejável. Bem, todas essas novidades trouxeram muitas modificações e consequências para o reino e sociedade de Iberia, mas foram tantos os acontecimentos que isto terá de ficar para outra história.

4.1 Posfácio ao público especializado

O texto apresentado no capítulo anterior é produto da junção entre o texto narrativo e a divulgação científica, cujo objetivo foi estabelecer uma ponte entre o cidadão comum, fora do ambiente da Academia, e os assuntos tratados dentro da universidade. Trata-se de um projeto que leva em conta o papel social das universidades, estabelecido em diversos regulamentos, inclusive no artigo 207 da Constituição Federal de 1988, e sua comunicação com a sociedade.

Entre os conteúdos acadêmicos tratados nessa história estão: conceito de língua, variação linguística, norma-padrão, norma culta, norma gramatical, norma popular, preconceito linguístico, entre outros. Os conceitos citados já podem até ter circulado fora do ambiente acadêmico, inclusive na mídia, entretanto o que se vê são definições imprecisas e ambíguas. Levando em consideração os estudos feitos sobre as normas de Faraco (2008), as contribuições de Bagno (1997) sobre preconceito linguístico e as principais contribuições feitas pela Sociolinguística desde seu surgimento e reconhecimento a partir dos estudos de William Labov (CEZÁRIO; VOTRE, 2008) esta narrativa foi desenvolvida.

Sabe-se que o texto acadêmico tem por marcas a correção, a formalidade e certo grau técnico, fatores que o distanciam do público não especializado. Apartir dessa constatação, buscou-se na liberdade oferecida pelos gêneros narrativos uma forma de aproximação com as pessoas comuns fora dos limites universitários, ou seja, uma popularização do conhecimento científico, além de todo um trabalho de pesquisa bibliográfica para embasar e justificar esse método de transmissão de conhecimento através de narrativas ficcionais.

A história apresentada tem como personagens centrais a langue Laci, um ser com habilidades especiais, que remete às línguas naturais e à língua portuguesa, o jovem Will, uma representação de Labov, além do rei Formallis II, uma representação de todos que defendem a norma padrão como única correta. Uriel e Zog remetem, respectivamente, a Uriel Weinreich e Marvin Herzog, pessoas com quem Labov trabalhou e desenvolveu teorias.

Na história foi mostrado como Laci se comportava nos diversos locais e ambientes que frequentava, apresentando uma forma diferente para cada ocasião, remetendo às variedades linguísticas para cada situação e contexto. Além dessa adequação aos ambientes diferentes, Laci também mudava sua forma, foi um leão, um urso, uma águia, um pequeno macaco, entre

outros animais, a junção dessas características remete à natureza maleável e heterogênea das línguas defendida pela Sociolinguística, além da constatação de que variação e mudança são inerentes a todas as línguas naturais (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

As variedades linguísticas, denominadas de normas conforme Faraco (2008), correspondem à organização das línguas naturais e às suas múltiplas maneiras de se realizarem nos diversos grupos sociais. Assim os grupos sociais dominantes e prestigiados tiveram sua forma de uso da língua favorecida em relação aos grupos desfavorecidos e desprestigiados. Com o objetivo de estabelecer como certa a língua utilizada pela elite da sociedade foi criada a norma-padrão com base na forma como essa elite fazia uso da língua, uma espécie de regulamento, um conceito abstrato que determina as regras para uso correto da língua (Bago, 2007 *apud* Faraco, 2008).

Na narrativa o decreto-real cumpre a função de definir os modos corretos de Laci agir e os lugares que podia frequentar, deste modo, ele remete à norma-padrão. A norma culta é referenciada a partir do contato de Laci com o rei e a nobreza, uma vez que o texto destaca sua formalidade e polidez nessas ocasiões. A norma popular, por sua vez, é retratada no texto no contato de Laci com o povo nas províncias e aldeias, de maneira mais livre e espontânea de agir e se transformar, conforme citado na ocasião em Praia Linda, por exemplo. Já a norma gramatical, que conforme Faraco (2008) representa uma aproximação da norma-padrão às pessoas a partir das boas gramáticas, dicionários e etc, é representada pela determinação do rei de enviar emissários reais para ensinar ao povo a arte de ler e escrever, bem como os modos “corretos” de agir com Laci. Assim como hoje existe uma grande lacuna entre as pessoas e a norma-padrão, na história também foi relatada a dificuldade do povo em aprender as muitas regras e normas de convívio com Laci.

Buscou-se também evidenciar o conflito entre os defensores da norma-padrão como única correta e os que defendem as diversas manifestações linguísticas como válidas e estruturadas a partir da divisão entre os nobres. Enquanto um grupo concorda com a liberdade de Laci, o outro rechaça veementemente, e essa intolerância remete ao que Faraco (2008) define como *norma curta*. A inflexibilidade do rei e dos nobres que não toleram os comportamentos de Laci em meio ao povo é uma referência ao preconceito linguístico que ocorre com tanta frequência em vários ambientes, inclusive na mídia (SCHERRE, 2005), uma vez que há uma grande dificuldade de se reconhecer como válidas e estruturadas as variedades populares do português. O mapa de Iberia é uma alusão ao mapa brasileiro e suas

regiões, tentou-se destacar uma pequena amostra das variedades desses lugares, sem ferir o contexto da idade média. Foi feita também uma crítica à questão social de nosso país como a falta de recursos e investimentos nas regiões norte e nordeste, bem como a violência e corrupção generalizadas no sudeste, especificamente no Rio de Janeiro, além da grande desigualdade social existente em todo o território nacional.

4.2 Posfácio ao público não especializado

Caro leitor, você acabou de participar de uma iniciativa que visa à aproximação entre conhecimentos e discussões científicos produzidos dentro das universidades e cidadãos comuns que ainda não chegaram ao ensino superior, ou que não tiveram a oportunidade de ingressar em uma universidade, ou ainda que possuem formação superior em outras áreas. A narrativa que você acabou de ler não é uma simples história, mas um conteúdo acadêmico muito rico.

Acredito que você já tenha ouvido falar em língua (no sentido comunicativo – língua portuguesa) norma-padrão, norma culta, norma popular, certo? Agora sobre norma gramatical, preconceito linguístico e variação linguística, já ouviu algo a respeito? É provável que sua resposta seja não, caso seja sim, você faz parte de um grupo bem restrito. A boa notícia é que agora todos esses assuntos fazem parte de seu rol de conhecimentos aprendidos. Não acredita? Se você leu toda a história, irá perceber a partir de meus comentários a seguir que todos esses assuntos foram tratados.

Apesar de não serem citados especificamente, procurei apresentar e explicar em minha história, ainda que de maneira prévia e inicial, cada um destes assuntos: norma-padrão, norma culta, norma gramatical, norma popular, língua, variação linguística e preconceito linguístico. Sei que a linguagem acadêmica muitas das vezes se torna pesada e cansativa, por isso procurei desenvolver um texto com uma linguagem simples e acessível, sei também que uma história bem contada é uma ótima ferramenta para atrair a atenção de uma pessoa. Pensando nisso foi desenvolvida essa história com um enredo aparentemente literário, mas por trás dessa capa literária está o conteúdo acadêmico. Vamos entender melhor?

Lembra-se da personagem Laci de minha história? Então, ela representa a nossa língua portuguesa. É sério! Língua corresponde aos códigos linguísticos que usamos para nos comunicar, cada país tem a sua língua oficial, aquela que serve de suporte para toda a nação. Na Inglaterra tem-se a língua inglesa, na França, a língua francesa, no Brasil temos a língua portuguesa, e assim por diante. Langue, portanto, corresponde ao conceito mais geral de língua, enquanto Laci remete especificamente à língua portuguesa. O português, assim como Laci, tem muitas habilidades especiais. Primeiro, é a partir da língua que as pessoas se organizam e se articulam. Consegue imaginar uma grande empresa operando com mais de mil funcionários sem uso de uma língua comunicativa? Pois é, não dá. Da mesma forma, nosso dia a dia depende da nossa língua portuguesa. Lembra que Laci assumia variadas formas e agia de maneiras diferentes dependendo de onde estivesse, como diante da realeza ou do povo? É assim que a língua portuguesa funciona, já reparou que língua falada pelos nordestinos, ou pelos sulistas é um pouco diferente da forma que se fala no Rio de Janeiro?

Da mesma forma que no Rio de Janeiro a língua falada por uma pessoa com muito estudo e uma boa condição financeira é diferente de alguém de uma comunidade que pouco estudou, ou ainda quando estamos diante de nossos amigos temos uma maneira de falar, que será diferente se estivermos falando com alguma autoridade. Mas assim como na história Laci era sempre Laci independente de sua forma, ou com quem estivesse lidando, assim a língua portuguesa é sempre a língua portuguesa independente da forma como ela se apresenta ou por quem está sendo utilizada, seja de maneira mais formal, ou informal, cuidada, ou espontânea, seguindo as regras de uso “correto” ou não. A essas possibilidades diferentes de se dizer algo com o mesmo sentido, como usar a palavra “mesmo” ou “mermo”, “obrigado” ou “valeu” num exemplo bem básico, chama-se **variação linguística**. Olha quanta coisa você já aprendeu!

Você já entendeu que a língua portuguesa se comporta de maneira diferente em cada grupo que ela frequenta, e conforme o grupo em que a pessoa estiver, ela vai escolher dentre as diversas possibilidades de uso da língua, uma que seja mais adequada. Assim um falante de um grupo social menos favorecido pode usar a forma “a gente vamos”, enquanto os membros de grupos mais favorecidos usará “nós vamos”. Essa possibilidade de escolha não significa que uma está certa e a outra errada, são apenas maneiras diferentes de dizer a mesma coisa, o que vai determinar o uso de uma ou de outra forma são o grupo e o contexto social onde a pessoa está inserida. Na sociedade existem vários grupos: ricos, pobres, jovens, idosos, pessoas da cidade, pessoas do campo, e assim por diante, uma infinidade de grupos. Com isso,

em cada grupo desses, a língua apresentará construções e marcas específicas, de maneira que o identifique segundo as suas características. A essa forma de se comportar de formas diferentes nos diversos grupos e contextos, os especialistas deram o nome de **norma**. Com isso, tem a norma linguística dos ricos, pobres, pessoas da cidade, pessoas do campo, e assim segue quase incontavelmente. Então quando Laci se comportava de uma forma na presença do rei e de outra quando estava com o povo, ocorre uma representação da língua portuguesa que também se comporta de maneira diferente nos vários grupos sociais, e agora você que esses comportamentos diferentes tem o nome de norma.

Há muitos anos, em diversos países, resolveram dar um *status* de “correto” à norma que era utilizada pela elite da época, só que no Brasil resolveram dar esse título de correto à forma utilizada por autores portugueses do século dezanove, ou seja, pegaram a forma como esses autores usavam a língua portuguesa em seus livros e estabeleceram como **padrão**, daí surge aquilo que conhecemos como **norma-padrão**, um conjunto de muitas regras muito vasto e distante da língua que realmente utilizamos. Estas regras balizam a maneira “correta” de usar a língua. Lembra-se do decreto-real? Ele tinha essa característica de determinar onde e como Laci deveria andar e agir, era o manual de conduta da langue, deste modo o decreto-real é a representação da **norma-padrão**. Lembra que no decreto-real tem uma parte escrita assim “sujeitar-se-á”? Isso é um clássico exemplo de norma-padrão, chama-se mesóclise, algo que ninguém usa no dia a dia, mas fazia parte da norma utilizada pelos autores portugueses de séculos atrás, hoje, porém, praticamente é uma construção que só existe em locais que prezam ao máximo pela norma-padrão, como as leis e decretos do nosso país, por exemplo.

No texto, ficou claro que Laci agia de maneira muito comportada e formal diante do rei e da realeza, isso representa a **norma culta**, esta norma refere-se ao comportamento da língua portuguesa que segue de perto às regras da norma-padrão, mas não tão rigorosamente. Em geral são os grupos sociais mais dotados de prestígio social e econômico, pessoas com alto grau de estudo, que utilizam essa norma, assim como Laci seguia as regras de agir nas ocasiões diante da realeza. Mas quando Laci estava com o povo, ela era totalmente descontraída e espontânea, falava e agia da forma que queria, representando deste modo a **norma popular**, que é a norma usada pelo povo em geral, quando usamos a língua portuguesa sem nos preocuparmos com as regras gramaticais da norma-padrão, ou se estamos falando “certo”. Quando falamos, por exemplo, “Peguei ele” por “peguei-o” é um exemplo de norma popular, pois é assim que os grupos sociais mais populares fazem uso da língua.

Lembra-se que o rei aceitou a sugestão de Will e determinou que emissários reais ensinassem a arte de ler e escrever ao povo bem como as maneiras corretas de falar e agir com Laci? Ele estava tentando ensinar o conteúdo do decreto-real, quando o Estado brasileiro, a partir de suas escolas tenta ensinar as regras da norma padrão com base em gramáticas e dicionários e outros instrumentos, tem-se a **norma gramatical**, esta norma representa essa tentativa de se ensinar a norma-padrão à sociedade. Porém, assim como o povo não conseguia aprender as muitas regras de convívio com Laci, assim nossos alunos hoje em dia ainda sofrem com as muitas regras da norma-padrão do português.

Você deve ter percebido que a ideia do meu texto é mostrar que todas as manifestações da língua são válidas, embora diferentes. Assim como Laci se comportava de várias maneiras e várias formas, não importava se estava diante do rei, ou diante de um aldeão, ela continuava o mesmo ser especial de sempre. Da mesma forma a língua portuguesa independentemente do modo como está sendo utilizada, seja por pessoas com estudo e seguem as regras gramaticais, seja por pessoas sem estudos, que usam gírias, ou formas muito diferentes, todos esses modos de uso do português são válidos e fazem parte da essência da língua portuguesa.

Contudo, assim como na história os nobres não gostavam do modo como Laci agia e falava no meio do povo, assim existem pessoas que não reconhecem a legitimidade das normas populares, só aceitam como formas corretas, a norma-padrão e a norma culta, que agora você sabe que são coisas totalmente diferentes. Esse discurso a respeito de pessoas que usam formas como “pra mim fazer”, como errado, língua de índio, e que essa pessoa é burra, é uma manifestação clara daquilo que é chamado de **preconceito linguístico**.

Lembra que o rei disse que as formas e maneiras de Laci agir com o povo eram ridículas? Assim fazem os que riem e menosprezam pessoas que falam “menas”, “pobrema”, “framengo”, “a gente vamos”, “nós vai”, e assim por diante. São pessoas que não reconhecem as variações que língua sofre nos contextos mais populares, em que não se atentam muito para as regras da norma-padrão. São pessoas intolerantes e que causam muito sofrimento àqueles que não conhecem ou seguem as regras da norma-padrão, infelizmente esse tipo de preconceito não é muito combatido fora dos ambientes acadêmicos, mas você agora como conhecedor mais profundo desses conhecimentos, pode entrar nessa briga contra o preconceito linguístico.

Espero, caro leitor, que tudo tenha sido suficientemente esclarecido e que meu objetivo de divulgar conhecimentos científicos a partir da linguagem narrativa tenha sido alcançado. O que foi passado aqui, embora muito resumido, é uma tentativa inicial de esclarecer algumas dúvidas com relação a conceitos pouco discutidos e esclarecidos na sociedade comum.

4.3 Questionário objetivo sobre a narrativa ao público não especializado

1) Caro leitor, você considera a leitura do texto *Pela liberdade de Laci*:

- Fácil
- Moderada
- Difícil

2) A história para você foi:

- Ruim
- Aceitável
- Boa
- Ótima

3) Durante a leitura, você percebeu que a narrativa poderia tratar de um outro assunto além da própria história?

- Sim
- Não

4) Após a leitura do posfácio, os conceitos de norma-padrão, norma culta, norma popular, norma gramatical e preconceito linguístico ficaram mais claros para você?

- Sim
- Não

5) Laci representa o que no mundo real?

- Norma culta
- Língua portuguesa
- Variação linguística

6) O decreto-real é uma representação...

- Da norma gramatical

- Do preconceito linguístico
- Da norma-padrão

7) Quando o rei diz “Tu não podes rebaixar-te e ficar no meio da plebe, realizando apresentações ridículas e falando à maneira deles” é um exemplo de:

- Preconceito linguístico
- Norma popular
- Norma culta

8) Quando Laci diz “Sei que cês tão cansados” é um exemplo de:

- Norma popular
- Norma culta
- Norma Gramatical

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve por objetivo estabelecer uma comunicação com a sociedade comum, levando para ela conceitos e discussões presentes na Academia de maneira mais simples e possivelmente atrativa. Para isso foi elaborado um conto ficcional, cuja história se passava num período da Idade Média e continha as figuras de rei, cavaleiros, magos, seres especiais, porém por trás do enredo da narrativa ficcional, havia uma correlação com assuntos acadêmicos como os conceitos de normas, preconceito linguístico, variação linguística entre outros. Entretanto, todas as etapas e regras formais de elaboração de dissertação foram fielmente seguidas, com exceção da história propriamente dita que segue o formato de qualquer gênero narrativo comum.

Para realizar essa tarefa, inicialmente, foram justificadas as motivações de sua realização. A preocupação central deste trabalho recaía sobre a divulgação científica e conseqüentemente sobre o ensino formal de língua materna no Brasil. Deste modo, esta dissertação foi desenvolvida visando não apenas à comunicação com a sociedade, mas também uma forma de contribuir para a mesma.

Procurando seguir os ideais estabelecidos pelo princípio da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão citado no artigo 207 da Constituição Federal vigente, que se tornou a justificativa fundamental desta pesquisa, foi levantado no primeiro capítulo o que significa segui-lo, através de estudos de Valêncio (1999) e Maciel e Mazzilli (2010).

Seguindo no primeiro capítulo, foi descrita a importância da extensão nas universidades, citando o próprio exemplo da UERJ, que tinha mais de vinte programas de extensão ativos no ano de 2018. Nos cursos de pós-graduação se faz muito necessário também o emprego da extensão, pensando nisso foram destacados os cursos de pós-graduação LABJOR e PROFLETRAS, cujos objetivos são fazer divulgação científica e aprimorar o ensino de língua materna respectivamente. Os princípios sociolinguísticos também fizeram parte do rol de justificativas uma vez que se assemelham aos ideais desta dissertação. Por fim, na justificativa também foram apresentadas obras escritas no formato de uma narrativa ficcional, mas que transmitiam conhecimentos relevantes como Bagno (1997), Lewis (2011), Gaarder (2014), entre outros.

No segundo capítulo, foi realizada a revisão de obras pertinentes a esta dissertação, bem como trabalhos acadêmicos que possuem algum traço de semelhança ao que foi

desenvolvido neste trabalho. Para citar conceitos e contribuições da Sociolinguística foram revisitados autores como Weinreich, Labov e Herzog (1975), Cezário e Votre (2004), Bortoni-Ricardo (2005), Charity (2008) entre outros. Já para tratar dos assuntos centrais que compuseram a metanarrativa da história ficcional, foram consultados Faraco (2008) com suas definições de normas e Bagno (1999) que trata sobre o preconceito linguístico.

Ainda no segundo capítulo, foram revistos trabalhos de conclusão de curso de pós-graduação, devidamente defendidos e aprovados, que possuem traços de semelhança com o que se propõe nesta dissertação ora desenvolvida. São eles: as dissertações de Antunes (2015) da UERJ, Cavalcante (2016) da UFPB e Profeta (2017) da Unicamp, além da tese de Costa (2007) da UERJ.

No terceiro capítulo, a parte não acadêmica começou a ser desenvolvida, a partir de uma breve definição do gênero conto, escolhido como suporte para história, apresentando suas principais características, segundo os estudos de Gotlib (2004), que o tornaram ideal para a proposta dessa dissertação. Em seguida foi apresentada a forma de estruturação da narrativa, a qual segue um modelo muito comum nas narrativas, denominado *a jornada do herói* (VOGLER, 2015). Feito isso foi apresentado o enredo da história ficcional propriamente dita, destacando os personagens e o espaço-tempo onde a narrativa se desenvolveu, e como os esses elementos do enredo se relacionaram com os conteúdos acadêmicos propostos através do processo de retextualização (DELL'ISOLA, 2007).

No quarto capítulo, o conto *Pela liberdade de Laci*, de autoria própria, foi apresentado em sua íntegra, narrando as aventuras do jovem Will durante a jornada de sua casa ao castelo real, que tinha por objetivo tentar convencer o rei de que Laci não podia ficar confinada apenas nas dependências reais. Após o conto, foram apresentados dois posfácios: um destinado ao público especializado; e outro, ao não especializado, cada um com linguagens específicas, mas que tratavam de fazer esclarecimentos e a correlação entre a narrativa e a metanarrativa, ou seja, entre os elementos da história e os conteúdos acadêmicos. Por fim, um questionário objetivo, destinado exclusivamente ao público não especializado, foi apresentado com o objetivo de colher informações sobre a eficácia da história proposta.

De fato, o conhecimento científico produzido pelas universidades precisa ser mais divulgado e popularizado, assim como a sociedade comum também deve ser beneficiada com as produções acadêmicas. É isso que prevê o princípio da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, é isso que os princípios sociolinguísticos defendem, é isso que autores importantes no cenário acadêmico vêm fazendo. Pensando deste modo, esta dissertação foi

produzida, objetivando levar conhecimentos acadêmicos a pessoas comuns, mesmo que para isso seja necessário o uso variedades que elas possam entender, uma vez que a linguagem acadêmica na maioria dos casos se torna pesada e de difícil entendimento pela sociedade comum. Mais do que isso, o objetivo desta dissertação é tentar oferecer meios alternativos de ensino, seja na escola formal, seja num aprendizado informal, levando jovens e adultos a compreenderem um pouco melhor os conceitos de normas e preconceito linguístico.

Esta pesquisa pode ser muito aprofundada ainda, espera-se que outros pesquisadores da área, ou de outras áreas também, possam, a partir do foi tratado aqui, desenvolver, aprimorar e aprofundar mais esse tipo de trabalho, contribuindo assim para um ensino de melhor qualidade.

Em passos futuros, o escopo da história ficcional desenvolvida no conto *Pela Liberdade de Laci* será ampliado ao nível de um romance, abordando mais conteúdos acadêmicos, como mudança linguística, os tipos de variações (de lugar, de tempo, de registro e social), assim como outros assuntos. Além disso, será feito todo um trabalho de pesquisa de campo, procurando saber o retorno de alguns membros da sociedade sobre essa iniciativa, se realmente o ensino por meio de gêneros narrativos é eficaz. Por mais que obras nesse estilo costumem ser muito bem aceitas pelo seu público, como nos exemplos de Lewis (2011) e Gaarder (2014), é necessário, entretanto, coletar as impressões obtidas de grupos de leitores, o quedá sentido à pesquisa e propiciao seu aprimoramento.

Portanto, considera-se este tipo trabalho como uma ferramenta relevante à divulgação científica e ao ensino de língua materna, que como já visto, pode ser utilizado nas diversas áreas do conhecimento. A criatividade no ensino costuma ser um fator facilitador para que o conteúdo ministrado seja melhor assimilado pelos discentes. Com isso, se mais pesquisadores se debruçarem sobre esse método, mais histórias poderão ser oferecidas, colaborando, desta forma, para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem e para uma maior circulação dos conhecimentos produzidos dentro das univversidades. E nesse processo muitas competências serão desenvolvidas simultaneamente nas pessoas envolvidas, como ler, atribuir sentidos, fazer referências, assimilar o assunto acadêmico que se faz presente no interior da história, entre outras.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, B. *Introdução à análise da narrativa*. São Paulo: Scipione, 1995.
- ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*. 2. ed. São Paulo: LCTE, 1994.
- ANTUNES, I. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.
- ANTUNES, T.S. *A tecnologia em prol da divulgação científica: criação de um site como meio de promoção da circulação de conhecimentos sociolinguísticos e do combate ao preconceito linguístico*. 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- BAGNO, M. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2010 [1997].
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 52. ed. São Paulo: Loyola, 2009 [1999].
- BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- BRASIL. Constituição. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988. 140 p.
- CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marcionilo. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2002 [1993].
- CAVALCANTE, T. G. S. L. *Leitura do texto literário no ensino fundamental II: a formação de leitores por meio do gênero conto*. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape, 2016.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.) *Manual de linguística*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- CHARITY, A. H. Linguists as agents for social change. *Language and Linguistics Compass*, v. 2, n. 5, p. 923-939, 2008.
- CHOMSKY, N. *Reflexões sobre a linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CLARKE, A. C. *2001: Uma Odisseia no Espaço*. São Paulo: Aleph, 2013.
- COELHO, N. N. *Literatura infantil: teoria, análise e didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLASANTI, M. *Com certeza tenho amor*. São Paulo: Global, 2009.
- CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (BRASIL). Anexo da

Resolução no 043/2012, de 15 de maio de 2012. *Regimento do Profletras*. Disponível em: <http://profletras.paginas.ufsc.br/files/2013/08/Regimento-Geral-PROFLETRAS-UFRN.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

COSTA, A. L. F. da. *Rakushisha, a cabana dos caquis caídos*: releitura de um diário de Matsuo Basho. 174 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

DUARTE, N. R. *Retextualização do gênero entrevista*: refletindo sobre os usos da língua materna. 175f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira*: desatando alguns nós. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009 [2008].

FRASSON, C. B. *Crenças linguísticas e a realidade da sala de aula*: propostas sociolinguísticas para o ensino de língua portuguesa no nono ano do ensino fundamental. 2016. 199 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

GAARDER, J. *O mundo de Sofía*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014[1991].

GOTLIB, N. B. *Teoria do conto*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004[1990].

HAWKING, S. W. *Uma breve história do tempo*: do Big Bang aos Buracos Negros. Tradução Maria Helena Torres. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

KRAUSE, G. B. G. *A ficção da tese*. 2009. Disponível em: <http://pousio.blogspot.com.br/2009/01/ficcao-da-tese-gustavo-bernardo.html>. Acesso em: 25 fev. 2015.

LEWIS, C. S. *As crônicas de Nárnia*: volume único. 2 ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011.

LISBOA, A. A ficção que vale um doutorado. 2008. Disponível em: <https://caquiscaidosblog.wordpress.com/2008/11/27/a-ficcao-que-vale-umdoutorado/>. Acesso 11 maio 2018.

MARTINS, A.; VIEIRA, S.; MARIA, T. O ensino de português e a variação linguística em sala de aula. In: MARTINS, A.; VIEIRA, S.; MARIA, T. (Org.). *Ensino de português e sociolinguística*, São Paulo: Contexto, 2014.

MACIEL, A.; MAZZILLI, S. *Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão*: percursos de um princípio constitucional, 2010. Disponível em: <http://www.anped11.uerj.br/Indissociabilidade.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.

MOTTA, L. G. *A Análise pragmática da narrativa jornalística*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

- NUNES, A.; SILVA, M. A extensão universitária no ensino superior. *Mal-Estar e Sociedade*. Barbacena, ano 4, n. 7, p. 119-133, jul./dez. 2011
- OMENA, N.P. *A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?* In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Org) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2003.
- PIGLIA, R. *Formas breves*. Trad: José Marcos Mariani de Macedo — São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PROFETA, G. A. C. *Elementos narrativos na ficção científica e a aplicabilidade da narração em textos de divulgação: um estudo baseado em 2001: uma odisséia no espaço*. [s/n.] Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- SACKS, O. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das letras, 2010[1998].
- SANTOS, M. C. Entre contos e hipercontos: *uma proposta de trabalho integrado para o desenvolvimento dos multiletramentos*. 175f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) –, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- SANTOS, R. F. *Variação linguística: trabalhando crenças, atitudes e o livro didático*. 2017. 240 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].
- SOUZA, G. R. *Formação de professores de língua portuguesa: uma proposta de análises e práticas colaborativas*. 175f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.
- TOLKIEN, J. R. R. *O Hobbit*. 7. ed. São Paulo: Wmfmartinsfontes, 2013[1937].
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. *O que é extensão universitária*. 2013. Disponível em: <http://www.proex.ufes.br/o-que-%C3%A9-extens%C3%A3o-universit%C3%A1ria>. Acesso em: 30 out. 2018.
- VALÊNCIO, N.A. *Indissociabilidade entre Ensino/ Pesquisa/Extensão: verdades e mentiras sobre o pensar e o fazer da Universidade Pública no Brasil*. *Revista A Proposta*. Rio de Janeiro, n. 83, dez.-fev.1999.
- VIDA, N. S. *A adequação linguística enquanto elemento essencial a diversas práticas sociais*. 2015. 206 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

VOGLER, C. *A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores*. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1975].